

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Avaliação **Todos e cada um**

Carioca
**Rio, cidade
da música**

ISSN 1676-5141



9 771676 514177 00017



NÓS

Editorial _____	4
A avaliação	
Cartas _____	5
Turmas de progressão e Livro	
Ponto e Contraponto _____	6
Jussara Hoffmann discute avaliação	
Pé na Estrada _____	11
Criatividade na feira de ciências da 2ª CRE	
Zoom _____	14
Qualidade de vida	
Rede Fala _____	16
Etnomatemática	
Capa _____	18
Na pauta, instrumentos de avaliação	
Atualidade _____	23
A história da Petrobras	
Professor On-line _____	26
Período aquisitivo	
Caleidoscópio _____	27
Mitos, lendas e medos	
Carioca _____	29
Rio, Cidade da Música	
Olho Mágico _____	32
A equipe que faz a revista chegar até você	
Tudoteca _____	33
Uma seleção de filmes infantis	



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210 • www.multirio.rj.gov.br • ouvidoriainmultirio@pcrj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Cesar Maia - Prefeito • **Sonia Mograbi** - Secretária Municipal de Educação • **Regina de Assis** - Presidente da MULTIRIO • **Maria Inês Delorme** - Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628) • **Élida Vaz** - Assessora de comunicação e ouvidora • **Guaira Miranda** - Gerente de multimídia

Equipe de Produção: **Alberto Jacob Filho** - Fotografia • **Cristina Campos, Cristina Morel, Joanna Miranda e Suely Barreto** - Conteúdo • **Erick Grigorovski, Eduardo Filipe e Marcus Martins** - Ilustração • **Elias Moraes** - Produção gráfica • **Marcus Tadeu Tavares e Marcelo Rocha** - Reportagem • **Martha Neiva Moreira** - Edição • **Nancy A. Soares e Carla Helal** - Revisão • **Tania Oliveira** - Projeto gráfico e editoração

Fotolitos e Impressão: **Gráfica Esdeva** • Tiragem: **40 mil exemplares**

Capa - José Carlos Bianco, Patrícia Bezerra, Beatriz Bezerra, Juliete Lopes, Walace Farias e a professora Vanessa Medeiros Gomes da E.M. Shakespeare

Desenho de Michael de Souza Marques, do Ciep José Pedro Varela, no Centro, Zona Sul



DA ESCOLA



A nova Resolução, que estabelece as diretrizes para a avaliação da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, enfatiza o direito de todos à aprendizagem e a importância de frequência às aulas.

Determinando, tanto para os grupamentos não seriados quanto para as séries, o uso de cinco conceitos (Ótimo, Muito Bom, Bom, Regular e Insatisfatório), a Resolução SME nº 776 é fruto de uma ampla discussão intermediada pelas Divisões de Educação das Coordenadorias Regionais de Educação, Comissões e Conselhos, contemplando diversas solicitações e sugestões que já vinham sendo apontadas pela rede.

É fundamental enfatizar o caráter processual da avaliação, que deve estar em sintonia com o Núcleo Curricular Básico Multieducação e com o Projeto Político-Pedagógico da escola, que devem guardar coerência entre si.

A partir de uma diagnose para conhecimento dos alunos é que podemos planejar, reconhecendo a realidade destes, identificando as dificuldades para que a aprendizagem se efetive. Como avaliar sem estabelecer objetivos? O professor precisa traçá-los para poder verificar se seus alunos conseguiram atingi-los.

Além de testes, provas, trabalhos de pesquisa e outros, há dois importantes instrumentos de avaliação que são a observação e a auto-avaliação. Esta permite que professor e aluno analisem seu trabalho e percebam como avançar em seu processo ensino/aprendizagem; aquela, se realizada com olhar atento, dá ao professor as pistas para mediar a constituição de conhecimentos pelo aluno.

Replanejar o processo ensino/aprendizagem, voltado para a obtenção do êxito escolar, deve ser a regra. A reprovação é que é uma exceção e representa, na verdade, o insucesso dos envolvidos neste processo.

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Turmas de progressão

Parabéns pela **Nós da Escola!** Já tenho 33 anos de município e esta é a melhor publicação que estamos recebendo. Gostaria de pedir que seja feita uma matéria sobre as turmas de progressão. Estou trabalhando com uma delas pela primeira vez e estou percebendo que são alunos que precisam de atenção e afeto especial. Abraços para vocês e sucesso sempre!

Professora M^a Julia Viana da Cruz @
Escola Municipal David Perez - 4^oCRE

N. da R. Agradecemos o elogio e aproveitamos para dizer que sua sugestão de pauta, muito bem-vinda, será analisada.

Livro

Sou professor da Rede Municipal, lotado desde 1974 na Escola Municipal Paraíba, em Anchieta. Gostaria que a Revista **Nós da Escola** divulgasse meu livro de poesias.

Lydienio Barreto de Menezes ✉
Escola Municipal Paraíba

N. da R. Na seção Tudoteca, que se destina a dicas de leitura, indicamos títulos que tenham relação estrita com os temas que estamos tratando na revista. Dessa forma, resolvemos, neste espaço, fazer a divulgação solicitada: “Versos para a Educação” - Lydienio Barreto de Menezes - Poesia. Telefone para encomenda: 2791-2953



Carta



Telefone



E-mail



Comemoração

No dia 18 de novembro os alunos da Escola Municipal Maria Baptistina Duffles Teixeira Lott (5^a CRE), em Vista Alegre, participaram da **II Festa da Hispanidade**, evento organizado pela professora de espanhol Adriana Silveira de Albuquerque Lima e que retrata a importância desse idioma nas escolas da cidade. O tema deste ano foi “Confraternizando com os países do Mercosul”, com a montagem de estandes da Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia, representados por meio de suas culinárias, músicas, vestimentas típicas, hino e bandeira nacional. Na foto, alunos apresentam a barraca boliviana, com roupas características daquele país, os famosos “ponchos”. Um dos pontos altos da festa foi o recital feito pelos alunos de poemas de autores de língua espanhola, como Pablo Neruda e Gabriela Mistral.



Um exercício do olhar

Desde 1981, quando concluiu seu mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a gaúcha Jussara Hoffmann tem dedicado seu tempo a estudar o tema avaliação. Com vários livros publicados sobre o assunto, ela é incansável na tarefa de incentivar a reflexão entre os profissionais de ensino, principalmente sobre por que avaliar. Em seu livro "Avaliação, mito e desafio: uma perspectiva construtivista" ela escreve: "...é essencial e urgente o repensar do significado da ação avaliativa da pré-escola à universidade.

Quaisquer práticas inovadoras desenvolver-se-ão

em falso se não alicerçadas por uma

reflexão profunda sobre concepções de avaliação/educação". Nesta entrevista ela amplia essa discussão ao tratar dos instrumentos de avaliação. Ela defende que esses instrumentos tenham sim o seu lugar, desde que sejam coerentes com a proposta de garantir o direito à aprendizagem para todos e por toda a vida.



Numa época em que há mudanças significativas nas formas de lidar com a informação e de produzir conhecimento a atuação educativa se transforma também. Em que isso afeta as práticas de avaliação?

Os rumos da educação no século XXI ressaltam fortemente o significado ético e subjetivo das práticas avaliativas: avaliar “para promover” aprendizagens significativas. Dois termos precisam ser concebidos de forma mais ampla para que se persigam os novos rumos: avaliar e aprender. Em primeiro lugar, conceber o avaliar como interpretar. Paulo Freire diz que “a observação é o que me possibilita o exercício do aprendizado do olhar. Olhar é como sair de dentro de mim para ver o outro. É partir da hipótese do momento de educação em que o outro está para colher dados da realidade, para trazer de volta para dentro de mim e repensar as hipóteses. É uma leitura da realidade para que eu possa me ler.” No meu entender, Freire revela a essência da avaliação mediadora: o exercício do “aprendizado do olhar”, um olhar com “humildade” do professor, com a certeza de que não tem certeza do que está vendo e precisa ver mais. O segundo termo, aprender, também precisa ser compreendido em sua multidimensionalidade. O pensador francês Edgar Morin diz: “Aprender é um fenômeno complexo, que abrange o aprender informações, o aprender a aprender, o aprender a fazer, a conviver, a ser.” Não pode-

mos mais responder simploriamente, ingenuamente, sobre as aprendizagens dos alunos, utilizando fórmulas matemáticas, normas padronizadas, regras gerais. Se pretendermos nos intitular professores/educadores, precisaremos neste século estudar muito, aprender sobre os diferentes jeitos de ser e de aprender de crianças e jovens deste país, resgatando, urgentemente, o princípio ético das práticas avaliativas - de garantir o direito à aprendizagem para todos e por toda a vida.

É sabido que os alunos apresentam diferentes níveis de conhecimento. Que estratégias o professor pode utilizar para ajudar alunos que apresentam dificuldades na realização das tarefas?

O professor precisa apostar, principalmente, na heterogeneidade, nas diferenças. “Enturmar” alunos por níveis de conhecimento em salas de aula é um pecado capital em educação. É preciso apostar na diversidade. Crianças e jovens aprendem, inúmeras vezes, muito mais entre eles do que com professores. Escola é, assim, sinônimo de socialização. Os professores devem ser organizadores de espaços de aprendizagem. O aprender acontece de forma muito mais significativa e prazerosa em grupos, com trabalhos com projetos pedagógicos, no debate entre os alunos. Esses grupos e/ou duplas de trabalho podem e devem ser organizados, escolhidos, constituídos pelos professores, que buscarão reunir alunos diferentes a cada dia. Reunir os que podem ajudar, os que ainda não entenderam, os que já estão alfabetizados com os que estão em processo, os que são mais falantes com os que são mais tímidos... Outro benefício dessa estratégia reside no fato de que, quando um aluno explica a outro uma noção, ele alcança patamares qualitativamente superiores de pensamento, desenvolvendo-se intelectualmente. Não descarto, de forma alguma, o atendimento individualizado do professor aos alunos, quando essas estratégias que aponte não se mostrarem adequadas ou suficientes. Mas nesse caso insisto que o atendimento individual seja feito pelo próprio professor e não por outros ou em aulas extraclasse. É preciso criar espaços e tempos para que se dê a “discriminação positiva”, no dizer de Perrenoud - mais tempo e atenção em sala de aula e durante o ano letivo para os alunos que precisam mais.

Como levar em conta os aspectos individuais e subjetivos dos alunos, nas práticas avaliativas, sendo a escola um espaço essencialmente coletivo?

Em primeiro lugar, toda a aprendizagem, numa visão construtivista e sociointeracionista, é de natureza individual e subjetiva, uma vez que se dá ►

“Avaliar significa, sobretudo, aprender sobre cada aprendiz, relacionar-se com cada um, preocupar-se com cada um”

“ Não se pode correr o risco do ‘pacto da mediocridade’, acreditando que os alunos irão aprender ‘com o tempo’, que basta ‘esforço’, que estão ‘crescendo’ ”

pela interação do aprendiz com os “objetos do conhecimento”. Quando aprendo sobre algo, esse algo (pessoa, fenômeno, coisa, situação, noção de estudo) me transforma, porque é um conhecimento que passa a fazer parte do meu ser. Além disso, cada um aprende sobre as coisas de modo diferente. Então, as coisas também se transformam, porque podem ser diferentes para cada pessoa que as “aprende”. Entendendo-se a

aprendizagem a partir da concepção sociointeracionista, percebe-se que avaliação educacional só existe, em sua essencialidade, no terreno das subjetividades, das individualidades. Avaliar significa, sobretudo, aprender sobre cada aprendiz, relacionar-se com cada um, preocupar-se com cada um. O educador, mesmo que tenha uma classe com 50 ou 100 alunos, produz marcas e diferenças em cada um deles. Toma decisões sobre indivíduos e não sobre o grupo, decide rumos de suas vidas. Insisto sempre que precisamos retirar os alunos dos seus “anonimatos”. Um único aluno é razão suficientemente forte e importante para que o “grupo de colegas” e o professor se envolvam no sentido de sua inserção, adaptação, promoção como indivíduo digno de respeito e atenção de todos. Na prática avaliativa, esse princípio ético sugere ao professor, por exemplo, fazer muitas tarefas individuais, menores e investigativas, corrigi-las imediatamente e, a partir delas, planejar atividades em grupo, de parceria, individuais, dar explicações ao grande grupo, acompanhando, na seqüência, por meio das anotações feitas (professor), os avanços individuais que ocorreram a partir dessas atividades interativas. Respeitar cada um e trabalhar no coletivo representa fazer esse jogo em sala de aula: tarefas individuais e ações educativas (mediadoras) grupais. Do individual para o coletivo, do coletivo para o individual, sem perder o foco em cada aluno e em sua evolução.

Como garantir que um instrumento de avaliação permita efetivamente ao aluno expressar suas idéias?

Toda vez que um aluno fala, escreve, desenha, ele expressa “suas” idéias. Mesmo ao completar uma tarefa objetiva (de “cruzinhas”, no dito popular), ele revela muito do que pensa, do que já sabe, do que “ainda não sabe”, de outras coisas que sabe. É muito importante, por exemplo, analisar as alternativas “erradas” que assinalou num teste de múltipla escolha. Entretanto, muitas tarefas não favorecem a expressão mais ampla do seu pensamento, a visão “própria” acerca das noções em desenvolvimento, acerca da vida, dos seus sentimentos. As tarefas avaliativas que melhor favorecem a expressão

individual dos alunos são as constituídas a partir de questões dissertativas. Em geral, perguntas mais breves, tais como “o que você diria sobre...”; “como se poderia analisar o que aconteceu em...”; “o que você sabe a respeito de...”; “você concorda com..., por quê?”, sugerem e favorecem respostas mais longas, dissertativas e a livre expressão do pensamento do aluno. A análise dessas tarefas, por outro lado, exige muita seriedade e compromisso do professor, porque pressupõe uma análise do teor das respostas, de sua profundidade, de sua coerência, precisão, riqueza de argumentos. Considero a análise qualitativa de tarefas avaliativas o “pulo do gato” em termos de avaliação mediadora.

Para determinadas questões, em que situações devem ser consideradas todas as lógicas e respostas possíveis?

Em todas as situações. Considerar, por outro lado, não significa “tomar como certo”, esperado, razoável, possível para a idade e outros. Considerar significa analisar epistemologicamente essas respostas: qual a lógica do pensamento do aluno?; por que ele respondeu desse jeito?; até onde compreendeu tal noção?; quais as suas concepções prévias evidenciadas pela resposta? Considerar todas as respostas do aluno representa valorizar a razão pela qual ele respondeu daquela forma, naquele momento, para intervir pedagogicamente e promover avanços em sua

aprendizagem. Não se pode correr o risco do “pacto da mediocridade”, acreditando que os alunos irão aprender “com o tempo”, que basta “esforço”, que estão “crescendo”. Todos os alunos aprendem muitas coisas todo o tempo, mas aprendem muito mais com melhores e mais exigentes oportunidades de aprendizagem. Oferecê-las é o sentido maior da avaliação mediadora - de uma rigoresidade amorosa, como diria Paulo Freire.

Por que a prova é uma prática que prevalece até hoje na maioria das escolas?

Porque são instrumentos avaliativos muito importantes no processo de investigação do desempenho do aluno. Analisemos a questão sob o seguinte ângulo: há uma séria crítica dos teóricos em avaliação à prática dos exames (provas), como as críticas muito pertinentes que vêm sendo feitas pelo professor Luckesi. No meu entender, entretanto, essas críticas devem ser entendidas nos seus pressupostos básicos. O que se alerta é quanto à prática de provas parciais ou únicas, finais, cuja intenção é exclusivamente “verificar” e “registrar” se o aluno aprendeu ou não o que se pretendia. Nesse sentido, o termo “prova” significa que o aluno deve “provar” ao professor que sabe o que foi ensinado. Por outro lado, não se deve abandonar, de forma alguma, a prática avaliativa investigativa por meio de

instrumentos de “testagem”, tais como a produção de textos, a resposta a questionários, a realização de exercícios escritos, a revisão dos cadernos e outros trabalhos individuais, cuja finalidade seja a observação e interpretação pelo professor do momento de aprendizagem em que os alunos se encontram. Acompanhar o processo de ensino-aprendizagem, realizando muitas tarefas e testes individuais, é essencial no sentido de poder orientar os alunos a prosseguir, para desafiá-los a avançar em seus conceitos, em suas aprendizagens. Os “pecados” das provas são cometidos quando a sua finalidade é julgar resultados finais, e não servir de indicadores para a ação mediadora do educador.

Em que circunstâncias os resultados de um instrumento de avaliação podem ser fonte de investigação do processo educativo?

Principalmente quando o professor inverter a seqüência convencional de *ensinar + fixar/repetir + aplicar instrumentos de avaliação + registrar para aplicar instrumentos de avaliação + corrigir/analisar + replanejar/ensinar/orientar individualmente + aplicar outros instrumentos para complementar seu acompanhamento*, numa seqüência sem fim. Para isso, é preciso mudar o lugar das perguntas no processo de avaliação. Numa concepção classificatória, pergunta-se para “ver se o aluno aprendeu” depois de ensiná-lo. Na concepção mediadora, pergunta-se para “entender sobre o que o aluno já sabe, o que ainda não sabe, que outras coisas sabe, de que jeito sabe fazer, para decidir sobre melhores e mais adequadas estratégias pedagógicas de continuidade”. Dois princípios fundamentam, portanto, o “processo” mediador: o princípio de provisoriedade (qualquer resposta do aluno é ponto de partida para que o professor o desafie a um novo conhecimento, à maior coerência, a alcançar conhecimentos mais precisos em determinada área); e o princípio de complementaridade (é preciso fazer muitas tarefas em seqüência, gradativas e mais complexas, articuladas às anteriores, para acompanhar verdadeiramente aprendizagens individuais). Chamo a atenção para o fato de que, nesse sentido, um sistema de avaliação que se baseie em notas finais e no cálculo de médias aritméticas (com ou sem pesos) provoca a total impossibilidade de respeito a esses princípios. Se o aluno evoluiu nas tarefas (na primeira, três acertos; na segunda, quatro acertos; na terceira, oito acertos) ►

“ Os ‘pecados’ das provas são cometidos quando a sua finalidade é julgar resultados finais, e não servir de indicadores para a ação mediadora do educador ”

“ **Qualquer resposta do aluno é ponto de partida para que o professor o desafie a um novo conhecimento, à maior coerência, a alcançar conhecimentos mais precisos em determinada área** ”

ele alcançará, ao final, pelo sistema de médias, uma nota cinco como resultado. Esse sistema anula o próprio processo, o esforço do professor e do próprio aluno. Para que se respeitem tais princípios, o registro de resultados deverá ser organizado sob a forma de conceitos ou menções globalizadoras, de maneira que se apresente, ao final de um bimestre, trimestre ou semestre, um resultado representativo da “análise do conjunto de aprendizagens alcançadas pelo estudante”, uma síntese

totalizadora e significativa do processo vivido por ele nesse período ou ao longo do ano letivo. Um sistema de registro de resultados do desempenho por meio de conceitos mais amplos, de relatórios de avaliação tende, assim, a favorecer (embora não garanta, é claro) um processo efetivamente mediador.

As práticas de avaliação utilizadas na escola consideram a capacidade discursiva e a possibilidade de expressão oral dos alunos?

A grande dificuldade de o professor realizar tarefas orais reside na sua insegurança de interpretar as manifestações dos alunos - a questão da análise qualitativa. Não há “documentação” sobre tais respostas e o professor pode ser considerado injusto, arbitrário, tendencioso em seus pareceres. Não vejo, entretanto, como acompanhar um alfabetizando

sem ouvir sua leitura oral. Nem sei como acompanhar alunos em aulas de língua, de artes, de educação física, em laboratórios, em trabalhos de grupo sem ouvi-los, interpretando o sentido de suas múltiplas manifestações. Nesses momentos, o professor pode e deve registrar, fazer anotações sobre uns e outros (não obrigatoriamente sobre todos, todas as vezes). Esses registros são importantíssimos como instrumentos avaliativos. A observação é método. O registro das observações é instrumento. É imprescindível que se criem espaços e tempos para dar vez e voz aos alunos em todas as modalidades de ensino. E que os professores avancem do “dar notas” em tais momentos (o que cria pressão e obstáculos desnecessários) para o fazer notas/anotações significativas sobre o desenvolvimento dos alunos em relação à oralidade. ■



Saiba Mais

DEMO, P. et al. *Grandes pensadores em educação: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 21. ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.

_____. *Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 1991.

_____. *Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança*. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

_____. *Avaliando redações: da escola ao vestibular*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

_____. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

_____. *Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação*. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SILVA, J.F. da et al. (Orgs.). *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo*. Porto Alegre: Mediação, 2003.

Cada projeto, uma atração



**Feira de Ciências da 2ª CRE é
marcada pela criatividade e
qualidade dos trabalhos de
professores e alunos**

O foguete feito de sucata do projeto *A casa fora de casa*

Não é tarefa das mais fáceis imaginar como é a rotina de astronautas quando estão no espaço. Ou como é o céu, a cosmologia, para ser mais preciso, para diferentes tribos indígenas. Mas quem foi à I Feira de Ciências da Fundação Planetário e da 2ª Coordenadoria Geral de Educação não só conseguiu imaginar, pelas incríveis maquetes expostas ali, mas também visualizar muitas das curiosidades do nosso vasto universo.

A exposição, que aconteceu entre os dias 21 e 24 de outubro, contou com 22 trabalhos, de 21 escolas diferentes da Prefeitura do Rio. Embora o assunto predominante tenha sido

astronomia, a criatividade e a variedade de recursos usados - de papel, tinta, resto de máquina de calcular a sucata -, fez de cada projeto uma atração.

Até quem é especialista no assunto reconheceu a qualidade e a organização do evento. “Três pontos me chamaram a atenção: a motivação dos professores e alunos, a preparação dos monitores recrutados dentro dos 22 grupos que participaram da feira e a escolha dos materiais utilizados. Um outro aspecto interessante foi a diversidade de temas, mesmo sendo, em sua maioria, ligados à Astronomia”, observa o astrônomo Domingos Bulgarelli, que fez parte do júri.

Qualidade, motivação e, principalmente, originalidade foram as características do trabalho feito pelo grupo da Escola Municipal Oscar Tenório, na Gávea: *A casa fora de casa*. Eles reproduziram, com restos de canos da reforma da cozinha da escola, peças de TV, máquina de calcular e rádio quebrados e muitos outros materiais, a nave espacial Apollo 13. A maquete, rica nos mínimos detalhes, serviu para mostrar como

é, na prática, o dia-a-dia de quem vai para o espaço. Nela, pequenos bonecos faziam a vez de astronautas tomando banho - presos em três pontos do corpo (ombro, tronco e pernas) e usando sabonete e shampoo hospitalar -, ou comendo alimentos desidratados ou semi-desidratados, ou ainda fazendo xixi - sentados e presos pelas pernas.

Esse mesmo projeto também explicou, em outra maquete, como o homem explora a superfície lunar com diferentes equipamentos: veículos, sondas etc. Um gravador, com fones de ouvido, esteve à disposição dos visitantes para quem quisesse ouvir as explicações. A gravação, com 30 ▶

Existem muito mais coisas entre o céu e a Terra do que a nossa vã filosofia imagina

E a I Feira de Ciências da Fundação Planetário pode confirmar a frase inicial. Espetacular, extraordinária, aliás extraordinárias eram as produções apresentadas naquela pequena grande mostra de trabalho sério, competente e, sobretudo, conseqüente que a 2ª CRE promoveu junto aos seus alunos, professores e escolas, resultado de trabalho de muitos meses, fruto de pesquisas no Planetário e em outros espaços e fontes, conduzidas por professores comprometidos. Foi de dar gosto ver alunos tão encantados com suas descobertas. Gosto também deu ao ver os professores entusiasmados, orgulhosos do ofício docente, desenvolvendo parcerias efetivas com seus alunos. Gosto de escola vibrante, que pulsa, que ressignifica saberes a partir de poesias de Olavo Bilac ou de Gilberto Gil, que reinterpreta conhecimentos construindo maquetes espetaculares e outras maravilhosas engenhocas feitas com sucata e muita criatividade e que nos auxiliam na leitura de cartas celestes ou na releitura da interpretação do céu feita pelos indígenas, no entendimento sobre como se deu a formação da Terra ou a extinção dos dinossauros. Enfim, entre ímãs, bússolas artesanais, protótipos de satélites artificiais e tantos outros belos trabalhos, estava um ideal de escola tangível, concreto e verdadeiro. Saí de lá orgulhoso! O Planetário e a 2ª CRE devem estar envaidecidos de seus alunos, professores e escolas. E não é para menos.

Marcos Ozorio, Diretor de Mídia e Educação da MULTIRIO e júri dos trabalhos da I Feira de Ciências da Fundação Planetário e da 2ª CRE

minutos, contava a história de Ícaro, para ilustrar a eterna fascinação do homem em voar, e explicava tecnicamente como é o trabalho de exploração propriamente dito.

Luana Vieira, 15 anos, da 8ª série, contou que foram necessários dois meses de trabalho, entre pesquisa e produção, para chegar ao resultado final. Livros, recortes de jornal, sites na internet foram as fontes usadas pelos alunos. “Queríamos ser originais e acho que acabamos conseguindo. Quando se fala de espaço, normalmente se mostram os planetas e até como são as naves, mas não a rotina de quem vai para lá.”

Etnociência - Originalidade também caracterizou outros dois projetos da Feira: *Constelações - Bandeira do Brasil* e *Etnociência: visões de mundo e cosmologias indígenas*. Quem assistiu à explicação sobre o primeiro trabalho, feito por alunos da Escola Municipal Marília de Dirceu, em Ipanema, descobriu que a bandeira brasileira é a única, entre as de todos os países do mundo, a ter as estrelas posicionadas exatamente nos pontos em que se localizavam no céu no dia da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

Segundo as monitoras, Krishna Carneiro, 11 anos, e Fabiana Carvalho dos Santos, 14, são nove constelações representadas ali: Cruzeiro do Sul, Escorpião, Cão Maior, Triângulo Austral, Cão Menor, Hidra Fêmea, Virgem, Carina e Oitante. Este trabalho foi eleito o melhor pelo júri popular.

A abordagem da Etnociência (estudo das visões de mundo ou cosmologias que caracterizam uma etnia) encantou quem viu e ouviu o que os monitores tinham a mostrar e dizer sobre como é o céu para os Kalapalos. O professor César Lemos e o grupo de estudantes da Escola Municipal Christiano Hamann, na Gávea, quiseram passar a visão de mundo dessa e de outras tribos. Quem viu o trabalho descobriu, por exemplo, que os Kalapalos, que habitam a região de Parati, interpretam o céu, como muitas outras tribos, segundo seus próprios costumes. Os desenhos das constelações representam, para eles, figuras totêmicas. Outra curiosidade é que na formação das aldeias, representada por uma enorme maquete de uma aldeia Kaiwoá, a porta das ocas estão sempre voltadas para o nascer do sol.

A pesquisa feita pelos alunos para elaborar este trabalho acabou resultando em um aprendizado que foi muito além dos conhecimentos relacionados especificamente com o projeto, como explica Jaqueline da Silva, 13 anos, aluna da 7ª série da escola e uma das

autoras do projeto: “Foi bacana perceber que ciência não é só tecnologia. Há várias maneiras de se fazer ciência e muitos temas que inspiram uma investigação científica”. “Há tribos que fazem ciência ao investigar, por exemplo, que tipo de árvore (casca) se adequa à construção de uma canoa. Eles investigam e criam a tecnologia ao produzir a embarcação”, completa Douglas Galeno do Vale, 13 anos.

Entre todos os trabalhos, o que mais chamou a atenção do diretor de Astronomia da Fundação Planetário, Ormis Rossi, foi o forno solar, feito por alunos da Escola Municipal Camilo Castelo Branco, no Jardim Botânico. Com recursos simples, caixas de papelão, papel laminado, tinta preta, papelão e uma lâmpada potente, os alunos ensinaram, com o protótipo que construíram, como um forno que se utiliza da energia solar funciona. “Este trabalho foi bem criativo, fugiu um pouco da norma. Eles fizeram um experimento, usaram luzes de aquecimento simulando o sol. Foi bem interessante”, observa o astrônomo.

Pablo Marques, 15 anos, aluno da 8ª série e um dos monitores da Feira, gostou tanto do que seu grupo fez que tem na ponta da língua as vantagens de se usar a energia solar: “Não polui, é gratuita, inesgotável e de fácil acesso”.

Três dos 22 projetos inscritos na Feira foram escolhidos pelo júri como os melhores trabalhos. São eles: *Etnociência: visões de mundo e cosmologias indígenas*, *A casa fora de casa* e *Constelações: bandeiras do Brasil*. ■

Os trabalhos

Big Bang

E.M. Castelnuovo
Prof. resp.: Márcia Braga
Alunos de 6ª série

O nascimento de uma estrela

E.M. Christiano Hamann
Prof. resp.: Jussara Costa de Oliveira
Alunos de 8ª série

Constelações - Bandeira do Brasil

E.M. Marília de Dirceu
Profs. resps.: Aline Moreira, Grácia Figueira e Lurimar Freitas
Alunos de 6ª a 8ª séries

Constelações do mês de setembro

E.M. José de Alencar
Profs. resps.: Regina Reis, Márcia Verônica de Oliveira Araújo,
Dirce Vieira
Alunos de 8ª série

Cosmologia indígena - o céu dos índios Kalapalos

E.M. Christiano Hamann
Prof. resp.: Cesar Lemos
Alunos de 7ª série

Sistema solar - eixos de rotação

E.M. Minas Gerais
Prof. resp.: Inês Mauad
Alunos de 7ª e 8ª séries

Formação da Terra

E.M. Castelnuovo
Prof. resp.: Marcia Braga
Alunos de 6ª série

Planeta Terra - constituição e magnetismo

E.M. Deodoro
Profs. resps.: Maria de Fátima Pereira, Ana Golubi e
Flávia Martins
Alunos de 6ª e 7ª séries

Herdeiros do futuro - descobrindo o universo

E.M. João Saldanha
Profs. resps.: Maria Lyra, Maria Cristina Chaves de Carvalho,
Kátia de Andrade do Amaral, Carlos Cruz da Silva e
Heloisa de Lourdes Vilela Novaes
Alunos de 5ª a 8ª séries

Linha do tempo - evolução dos seres vivos

E.M. Minas Gerais
Prof. resp.: Inês Mauad
Alunos de 7ª e 8ª séries

Extinção dos dinossauros

Ciep Presidente João Goulart
Profs. resps.: Alessandro Alegrete e Lurimar Rangel de Freitas
Alunos de 5ª, 6ª e 8ª séries

Terra/Lua - gravidade

E.M. Presidente Arthur da Costa e Silva
Profs. resps.: Ivonildo da Fonseca e Claudia Araújo
Alunos de 5ª a 7ª séries

Casa fora de casa

E.M. Desembargador Oscar Tenório
Prof. resp.: Solange Maria de Souza Moura
Alunos de 6ª a 8ª séries

O corpo humano no espaço

E.M. Estácio de Sá
Prof. resp.: Maria Célia Botelho
Alunos de 7ª série

Bandeirantes espaciais

E.M. Almirante Tamandaré
Prof. resp.: José Carlos de Mello
Alunos de 7ª série

Conquista espacial

E.M. Roma
Profs. resps.: Suely Ferreira Thomaz, Patricia Helena Alves da
Silva, Cleide Nogueira e Mariângela Longhi
Alunos de 5ª e 8ª séries

Planeta Marte

E.M. Joaquim Nabuco
Prof. resp.: Sílvia Thomaz
Alunos de 8ª série

Planetas Marte e Urano

E.M. São Tomás de Aquino
Prof. resp.: Lurimar Rangel de Freitas
Alunos de 8ª série

Satélites artificiais

E.M. Henrique Dodsworth
Prof. resp.: Maria de Fátima Campinho Pereira
Alunos de 6ª e 7ª séries

Forno solar

E.M. Camilo Castelo Branco
Prof. resp.: Sandra Radicetti de Siqueira Rodrigues
Alunos de 6ª e 7ª séries

Lixo espacial

E.M. Manoel Cicero
Profs. resps.: Flávia Soares Martins e Catia Omena Castilho
de Almeida
Alunos de 5ª a 8ª séries

Planeta Água

E.M. George Pfisterer
Profs. resps.: Celeste Aída Tavares, Antônio Carlos da Costa,
Tereza Cristina França Soares
Alunos de 5ª série



Constelações - Bandeira do Brasil

Os jurados

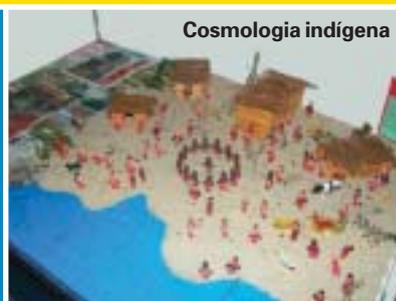
Ricardo Macieira - Secretário Municipal das Culturas

Órnis Rossi - Diretor de Astronomia da Fundação Planetário

Domingos Bulgarelli - Gerente de Projetos e Operações da Diretoria de Astronomia da Fundação Planetário

Marcos Ozório - Diretor de Mídia e Educação da MULTIRIO

Denise Palha - Assessora da SME



Cosmologia indígena

A vida “anda” corrida. Ou será que somos nós que andamos correndo demais? Não raro, a nossa rotina é algo parecido com: acordar, tomar banho, beber café, levar filho para a escola, ir para o trabalho, ficar no trânsito, voltar para a casa. O tempo que nos sobra depois dessa maratona em alta velocidade é usado, geralmente, para descansar. Só que descanso apenas não garante a ninguém uma vida mais saudável e com qualidade.

Criatividade para uma vida melhor

Muitas pessoas que se empenham em viver melhor lançam mão das mais diferentes soluções. Umas são adeptas da boa alimentação, outras, do exercício físico, de horas a mais de lazer, da prática de esporte, ou de qualquer outra atividade como *hobby* e muitas, do maior contato com a família e amigos. Essa lista, na verdade, não pára por aí. Ela é regulada segundo a criatividade de cada um, como constatou a equipe de **Nós da Escola**. Confira!

Todas as manhãs caminho na praia. Cuido do meu corpo corretamente porque entendo que ele faz parte de um todo. Faço psicoterapia para meu autoconhecimento. No mais, me divirto indo ao cinema e saindo com os meus amigos, o que para mim é indispensável...

Luiz Sérgio A. Duarte Pinto • Advogado



Vou a shows, teatro, passeios culturais e participo de cursos de atualização da mulher. Sempre tratei da saúde com homeopatia e tenho cuidado com a alimentação. Além disso, caminho e acho importante a convivência com os amigos.

Edi Fiúza Eiras Pinheiro • Taquígrafa Parlamentar

Para melhorar minha qualidade de vida, procuro sair com meus amigos para dançar, ir a um barzinho ou ao cinema, enfim, fazer coisas que me distraem e relaxam do estresse do dia-a-dia. Sempre que posso, também adoro viajar. Acho que todo mundo deveria poder viajar de vez em quando, nem que fosse a uma hora da cidade. Ir para outro ambiente e mudar a rotina faz muito bem à saúde.

Mariana Queiroz • Jornalista

Pratico esporte e procuro beber pouco e ter uma alimentação mais balanceada, evitando gorduras, por exemplo. Nas horas de lazer curto fazer escalada e trilha com os amigos para relaxar.

Erick Grigorovski • Designer



Procuro regular meu horário de trabalho, faço ginástica todos os dias, sou cuidadoso com a minha alimentação e busco me concentrar nas minhas horas de lazer em atividades bem diferentes das que desenvolvo diariamente no meu trabalho. Estar com os amigos e viajar são algumas das atividades que não abro mão.

Evaristo José Silveira da Silva • Analista de Sistemas

A etnomatemática na sala de aula

É importante que o ensino da Matemática valorize o saber popular

Em virtude das reflexões contemporâneas desenvolvidas nos estudos em Educação e, sobretudo, em Educação Matemática acerca da eficiência no processo ensino-aprendizagem, torna-se possível e necessário que, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental (pelo menos até a 5ª série), o ensino da Matemática seja permeado por uma prática que valorize os conhecimentos populares no fazer pedagógico. Nesse sentido, destaca-se a riqueza dos valores e ritos culturais, por meio da observação e análise das práticas cotidianas oriundas de uma determinada região ou grupo, acerca dos conhecimentos matemáticos que são coletivamente significativos e que estão presentes no “saber fazer” dos alunos, dando significado ao que se ensina nas escolas por meio dos conteúdos programáticos.

Nessa relação, a linguagem passa a ter um papel fundamental: é por meio dela que os estudantes expressam os conhecimentos advindos de suas atividades socioculturais para que, assim, o professor possa estabelecer o elo entre o que eles fazem no cotidiano e o que se aprende por meio dos programas escolares.

Sob esse enfoque, a Etnomatemática surge na década de 1980 como um movimento de educadores matemáticos que consideram a importância e a legitimidade dos conhecimentos populares nas aulas de matemática. De acordo com a definição de Ubiratan D’Ambrósio (2002) sobre as várias dimensões que hoje podemos tecer acerca da influência da pesquisa Etnomatemática, considero que as dimensões cognitiva e educacional estão intrinsicamente ligadas à relação ensino-aprendizagem da matemática, visto que ela está presente em todas as manifestações socioculturais do mundo e que é considerada de grande importância no processo de escolarização do sujeito. O olhar do pesquisador, do professor e, sobretudo, do educador é que vislumbra os elementos necessários para o favorecimento dessa idéia na Educação Matemática das escolas.

Um exemplo disso foi a pesquisa desenvolvida no ano de 2001 (Vianna, 2001), por meio de uma parceria entre o Pólo de Ciências de Matemática da 8ª CRE e a E.M. Pedro Moacyr, onde elementos etnomatemáticos da cultura regional foram observados e utilizados em atividades pedagógicas com uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental. O estudo buscou inicialmente, no contexto sociocultural da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, localizada na Zona Oeste, conhecer as práticas etnomatemáticas do grupo carnavalesco por meio de uma pesquisa etno-gráfica, que partiu de entrevistas com alguns de seus membros como, por exemplo, o fundador da escola de samba, a presidente do departamento comunitário, os coreógrafos e as crianças que participaram do desfile. As entrevistas foram analisadas, bem como as observações das videografias dos “ensaios técnicos” às vésperas do desfile oficial, visando à valorização do conhecimento oriundo dessas práticas no fazer pedagógico das escolas da comunidade. Para isso, criou-se um Modelo Matemático para a construção coletiva do conceito de fração a par-

tir da relação entre pensamento e movimento do corpo - que era o conhecimento étnico do grupo. O que as crianças aprendiam e faziam nas coreografias estava impregnado pelo conceito matemático de *relação biunívoca* entre a quantidade de movimentos criados (que eram a interpretação do samba-enredo por meio dos gestos) e a quantidade de palavras e/ou sílabas que a letra do samba estava apresentando.

A partir dessa análise, o foco dos estudos foi direcionado para as coreografias da ala das crianças, que evidenciou os conhecimentos advindos do seu “saber fazer”, possibilitando a criação de atividades em sala de aula. Iniciativas que foram devidamente analisadas e respaldadas pelas convergências teóricas entre o pensamento de Vygotsky, para a relação ensino-aprendizagem no tocante à formação social da mente, e o movimento da Etnomatemática enquanto modelo pedagógico (Sebastiani, 1997) para análise e produção de estratégias que tiveram a finalidade de estabelecer o elo entre a matemática popular e a matemática escolar. Essa convergência teórica buscou discutir o papel mediador da linguagem no processo de valori-

zação da cultura popular e de seus significados, em uma prática escolar pautada na formação do sujeito crítico e questionador ao “dar voz” aos alunos, onde pode-se percebê-la como um veículo dos significados presentes na cultura. Por isso mesmo, os diálogos entre professor-aluno e aluno-aluno proporcionam maior eficiência no processo de internalização dos conceitos, buscando na sua existência os diferentes tipos de conhecimentos, experiências e subjetividades construídas.

Ao perceber que a partir da pesquisa Etnomatemática o professor pode lançar mão do “saber fazer” do aluno, a fim de levá-lo a produzir novos conhecimentos - saberes esses que estão presentes no processo de escolarização - considero que essa valorização da cultura popular possibilita a construção de conceitos que, mediados pela linguagem, têm significados para uma aprendizagem consciente em sala de aula.

Sendo assim, essa experiência levou inicialmente a observar a influência que a Escola “do” Samba exerce enquanto “instituição de ensino”, pois ela tem papel socializador e, fundamentalmente, difusor de suas práticas sociocul-

turais, levando a considerar esse fato evidente ao verificar a magnitude dos saberes inerentes à arte carnavalesca. Por outro lado, considero que a Escola da Matemática está presente nesta atividade sociocultural, pois ensina matemática pelo “saber fazer”. Mais ainda, pode servir na tentativa de se desfrutar do poder que a cultura popular exerce na criação de novos saberes na sala de aula mediados pela linguagem.

Portanto, essa idéia leva à uma reflexão sobre os caminhos que a Educação Matemática vem tomando, ao propor o compromisso com a formação da consciência crítica, acerca das mudanças capazes de transformar as estruturas educacionais, sociais e, sobretudo, culturais, na luta pela igualdade, dignidade e prosperidade no mundo.

É necessário que essa Educação Matemática esteja comprometida com uma cosmovisão abrangente e totalizante da realidade. Mais ainda, que garanta espaço para a diferença de crenças, de modos de pensar, de sentir e de ser, bem como etnias, histórias de vida, valores e culturas. Mas, sobretudo, propiciando o respeito, a solidariedade; emergindo, assim, novos conceitos, novos valores, novos significados, novas culturas, constituídas por uma teia de relações sociais enriquecidas pelas inúmeras diferenças próprias de cada um. ■

Márcio de Albuquerque Vianna
albuvianna@uol.com.br

- Professor de Matemática da E.M. Ramiz Galvão, em Realengo
- Mestre em Educação Matemática



Saiba Mais

D'AMBRÓSIO, U. *Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Autêntica, 2002.

SEBASTIANI, E. *Etnomatemática: uma proposta metodológica*. Rio de Janeiro: MEM/USU, 1997.

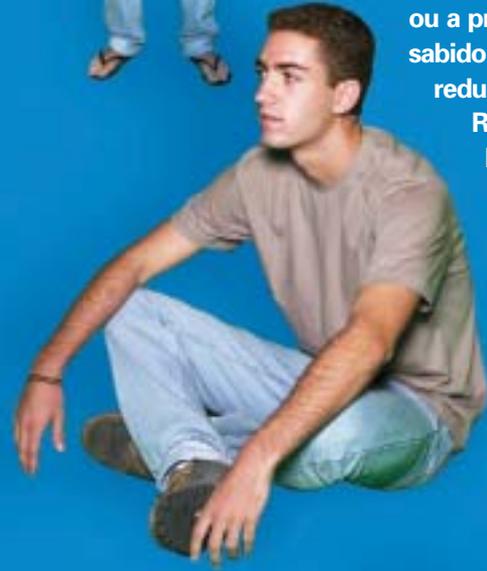
VIANNA, M. de A. *A Escola da Matemática e a Escola do Samba: um estudo etnomatemático pela valorização da cultura popular no ato cognitivo*. Tese (Dissertação em Educação Matemática), MEM-USU, Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 2001.



Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15-9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

O desafio de conhecer para superar

Pouco importa que os filósofos da ciência afirmem o absurdo de alguns em defender uma, e apenas uma, forma correta de responder a uma pergunta. Em muitas escolas, e para muitos professores e diretores, para responder a pergunta 'como um determinado aluno está no seu processo de constituição de conhecimentos, conceito e valores' se recorre a uma única resposta: a nota ou a prova ou a uma letra ou a um conceito. Acontece que é mais do que sabido que o prazer de aprender desaparece quando a aprendizagem é reduzida apenas a um valor numérico. Da sala de aula, como escreve Regina Leite Garcia, "desaparecem o debate, a polêmica, as diferentes leituras de um mesmo texto, o exercício da dúvida, do pensamento divergente, a pluralidade". Mas isso não quer dizer que prova ou nota seja um instrumento condenável, quer dizer que não deve ser o único. Deve ser usado depois de muita reflexão sobre o que se quer saber sobre o aluno e seu resultado deve ser considerado junto com vários outros, resultantes de diferentes instrumentos de avaliação. É sempre bom lembrar que nada garante que o aluno que recebeu uma nota 10, em determinada situação avaliativa, saiba mais do que aquele que só alcançou nota cinco.



Aprender, como diz o pensador francês Edgard Morin, “é um fenômeno complexo, que abrange o aprender informações, o aprender a aprender, o aprender a fazer, a conviver, a ser...” E a ação escolar, expressa no contato cotidiano de professores e alunos, deve estar permanentemente relacionada às práticas avaliativas utilizadas. Por isso, tratar de avaliação não é fácil. O tema é polêmico e quando é abordado suscita discussões calorosas. No debate, duas concepções sobre o ato de avaliar se opõem. Uma que reduz o conceito a um mero instrumento, cujo resultado é capaz de ser medido. A outra entende avaliação como um “processo dialógico que pressupõe inclusão e multiplicidade” (Esteban, 1999). Avaliação entendida nesta ótica é, portanto, “uma atividade ética e, como tal, envolve-nos como seres humanos, revelando valores de vida, sociais, culturais, espirituais”. (Hoffmann, 2003)

Entretanto, podemos dizer, sem nenhum receio, que na sociedade contemporânea a idéia que prepondera é a primeira: que associa avaliação à classificação. Até porque vivemos em uma época em que concorrência e exclusão são a base do modelo econômico-social. A escola, como um sistema vivo e parte deste contexto, ainda está impregnada por esta concepção.

Concepção que tem na prova ou exame seu principal instrumento, que, para quem não sabe, é usado desde os tempos mais remotos, como explica Regina Leite Garcia no texto Avaliação e suas implicações no fracasso/sucesso. “A primeira notícia que temos de exame nos é trazida por Weber quando se refere ao uso

pela burocracia chinesa, nos idos de 1200 a. C., para selecionar, entre sujeitos do sexo masculino, aqueles que seriam admitidos no serviço público. Portanto o exame aparece não como uma questão educativa mas como um instrumento de controle social.” Foi apenas no século XVII que o exame foi institucionalizado, pelas propostas de Comenius (1657) e La Salle (1720).

Em sua obra *Didactica Magna*, **Comenius** tratava o exame como um problema metodológico e convidava a repensar a prática pedagógica para que “todos pudessem aprender tudo”. “Ele jamais pretendeu que o exame levasse à promoção ou qualificação do aprendiz, o que efetivamente não aconteceu até o século XIX”, escreve Garcia. Para Comenius se o aluno não aprendesse, havia que se repensar o método.

A proposta de **La Salle**, por outro lado, centra no aluno e no exame o que deveria ser o resultado da prática pedagógica. “Os filhos de La Salle centram a avaliação/exame no aspecto de supervisão/controle, preocupando-se, sobretudo, com o aprimoramento das técnicas de mensuração”, escreve Garcia, que completa: “Simplificam um processo extremamente complexo, em que o olhar e a pergunta influem na resposta de quem está sendo testado”. No Brasil, segundo Garcia, o que prevaleceu foram as idéias de La Salle.

Juízo - A professora Thereza Penna Firme, especialista em avaliação e consultora da Cesgranrio, não tem dúvidas que saber fazer as perguntas certas é fundamental para a eficiência de um processo avaliativo. “Avaliar é muito mais que obter um conjunto de pontos, mensurar. É o processo que busca um juízo de valor sobre o mérito, a relevância e a importância de um determinado objeto à luz de critérios previamente estabelecidos. O objetivo de se avaliar é contribuir para o pleno desenvolvimento deste objeto. E sempre que se faz um juízo de valor, se interpreta uma situação. Se faz um conceito baseado em critérios, se traça um perfil sobre algo (no caso, o aluno)”, comenta.

Por isso é importante que o professor tenha a sensibilidade, a competência técnica, o bom senso e reflita sobre alguns aspectos que determinam todo o processo: porquê avaliar, quem avaliar, como avaliar e o que fazer com esta avaliação. Sobre esta última questão, ela observa: “Não adianta formar um juízo de valor se não fizer nada com ele. O resultado da avaliação se torna inútil quando usado para aprovar e reprovar. Deve servir para o professor descobrir em que o aluno está bem, em que ele melhorou e o que ele (professor) necessita fazer para garantir o sucesso”, observa Thereza

E para avaliar não basta apenas um instrumento. São necessários vários que se complementem para que não haja distorções nos resultados. Observação e registro de todos os processos (atividades, trabalhos etc.) desenvolvidos com os alunos, exercício, trabalhos em grupo e individualmente, entrevistas, testemunhos, prova etc. são recursos que podem ser utilizados dependendo do que se quer verificar. “Quantas avaliações são distorcidas porque foram usados instrumentos inadequados? Quando se trabalha com nota, prova, por exemplo, é possível cometer equívocos facilmente. A nota é a expressão, a tradução de um juízo de valor. Dessa forma, o aluno é excelente em ►

Comenius
Jan Amos Komensky
Comenius nasceu
1592 onde hoje é a
República Tcheca.
Filósofo, membro do
clero, professor e
escritor ele é
conhecido como o
pioneiro da moderna
educação.
Trabalhava pela paz e
acreditava que a
instrução era a única
forma de
desenvolver todo o
potencial humano.
Ao longo de sua
trajetória como
educador ele deu
atenção especial às
crianças.
Desenvolveu um
modelo de ensino
centrado no jogo
(*Ludus Scholae*) e
entre, suas obras
escritas, estão um
livro-texto cuja
intenção era tornar o
ensino de Latim mais
atrativo para
crianças e uma
espécie de manual
para pais e
educadores.

La Salle
Conhecido como o
Santo Educador, São
João Batista de La
Salle nasceu na
França no século
XVII. Dedicou-se à
área de educação por
toda a vida,
especialmente à
formação de
professores. Neste
trabalho ele formou
educadores
religiosos, iniciados
no magistério em um
Noviciado, e os
leigos, preparados
em Seminários para
atuarem em áreas
rurais. Para orientá-
los escreveu, junto
com seus discípulos,
um manual
pedagógico: *O Guia
das Escolas*.

várias áreas e por isso ele é 10. Porém, o que ocorre na escola é o processo inverso. O aluno tirou 10 na prova e, por isso, ele é considerado excelente. Ou seja, se dá a nota, para depois se fazer o juízo. Não se costuma ter um olhar sobre o aluno como um todo.”

Na verdade, é muito difícil para o professor se libertar da nota, da prova, como comenta Antônio Augusto Alves Mateus Filho, Assistente da Diretoria de Educação Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro: “É uma questão cultural. Muitos professores nas redes de ensino de uma forma geral, pública e particular, que não conseguem dar uma conceituação sem dar uma prova, uma nota. Não quero dizer com isso que essa prática seja condenável. Bem elaborada, a prova é capaz sim de mostrar em que o aluno está tendo dificuldade, em que ele está indo bem”, diz. E exemplifica: “uma questão que peça para o aluno completar uma sequência de números para que fique divisível por três. Para respondê-la o aluno precisa ter vários conceitos constituídos, além, é claro, de saber o que significa um número divisível por três”. É uma prova que vai exigir que o estudante raciocine e mostre os conhecimentos que já constituiu.

No entanto, de nada adianta uma prova bem feita, o registro de uma observação, um exercício interessante, o desenvolvimento de um projeto com a turma ou qualquer(ais) outro(s) instrumento(s) usado(s) para avaliar os alunos se o resultado desta avaliação não for compartilhado com eles. Os alunos precisam entender e conhecer o que já sabem e o que ainda não sabem e, junto como professor, estabelecer objetivos para suas conquistas escolares.

Discutir com a turma os erros, os acertos, o caminho percorrido até aquele ponto dá significado, então, ao aluno, do que ele fez e está fazendo na escola e, ao professor, a medida do desenvolvimento do seu trabalho como docente. “O aluno deve dizer como se sente em relação àquela avaliação, deve se auto-avaliar para ter noção de como foi sua trajetória. O mesmo serve para o professor, que ainda deveria se avaliar e ser avaliado permanentemente por seus pares”, explica Thereza.

Olhar abrangente - O que verdadeiramente importa neste processo é, como Thereza já disse, ter um olhar abrangente sobre o aluno, deixar claro, para eles, a cada início de ano, que critérios serão usados para avaliá-los e considerar, permanentemente, os vários instrumentos disponíveis. Assim é possível se obter um resultado justo, preciso que garanta o sucesso daquela criança, daquele jovem ou do adulto e também do professor que mediu todo o processo de constituição de conhecimentos, conceitos e valores. Na hora de devolver este resultado aos estudante traçar um per-

fil, um conceito é mais produtivo que dar, simplesmente, uma nota. A professora costuma dizer, em suas palestras, que aqueles professores que gostam de trabalhar com nota deviam partir sempre, por exemplo, do 6 e não do 0 porque há sempre muito coisa que ele não conseguiu descobrir sobre o aluno e, por isso, ninguém pode ser “considerado” 0.

Se forem turmas de 5ª a 8ª séries, em que o consenso entre vários professores se faz necessário o **Conselho de Classe**, na opinião de Thereza, tem um papel importante. “Quero dizer que é função do Conselho de Classe considerar o estudante como um todo. Neste espaço é preciso juntar as diferentes observações dos vários professores: ‘o aluno foi bom nisso, naquilo e não tão bem naquilo outro’, para depois recomendá-lo aos professores da série seguinte, aos pais, e não reprová-lo.”

A importância da educação para o olhar

Para muitos professores e em várias escolas a observação feita pelo professor das atividades diárias realizadas pelo aluno, de seu comportamento individual ou em grupo e de tudo mais que ele se envolve na escola, tem um peso considerável na hora da avaliação. É assim na Escola Oga Mitá, no Rio de Janeiro, onde se trabalha com a prova só a partir do segundo segmento do Ensino Fundamental e, mesmo assim ela é o único instrumento de avaliação, e na Escola da Vila, em São Paulo, cuja equipe defende “uma avaliação formativa à serviço das aprendizagens.”

Não importa se é uma observação espontânea ou documentada, com registro escrito, o fato é que estar atento, diariamente, ao desenvolvimento do aluno amplia o olhar do educador. “Quando se está realizando uma atividade com a criança há uma série de conteúdos que surgem, além daqueles estão previstos na proposta de trabalho. Por isso é tão rico o **processo de observação**”, explica Vânia Marincek, diretora da Escola da Vila. É rico e fundamental para que o professor perceba, no detalhe, como seus alunos estão constituindo conhecimentos, conceitos e valores e, para que ele possa, se for o caso, intervir na hora certa para reorganizar seu trabalho e garantir que aquele aluno avance. “Essas idéias são, na verdade, os pressupostos da avaliação. Que, ao docente, deve servir para orientar o seu trabalho e, para o aluno, apontar no que ele precisa investir para melhorar”, completa.

Vânia explica que estabelecer critérios, junto com os alunos é bom que se diga, para se observá-los é primordial, pois são eles

Conselho de Classe - Aprender na escola de hoje significa desenvolver auto-estima, identificar-se como cidadão, conviver com as diferenças, construir valores morais, sobretudo confiando no apoio dos adultos que formam o corpo docente dessa escola.

Para Thereza, “o professor é realmente bom”, tem a medida da responsabilidade de seu ofício, mas o que talvez ainda lhe falte é a familiaridade é com os conceitos do que é avaliar – “até porque os estudos sobre avaliação são muito recentes, tem mais ou menos 100 anos o que, historicamente, é pouco tempo”, observa. Para ser justa e eficaz, ela defende que a avaliação tenha utilidade (ajudar o aluno a crescer, a melhorar), viabilidade (que permita a cada um deles mostrar todo o seu potencial), ética (que leve em consideração os valores de cada aluno) e precisão (seja bem feita, adequado ao que se quer saber naquele momento). Se esses quatro preceitos forem levados em conta, a professora acredita que se consiga abranger o aluno em sua totalidade realizar uma idéia de avaliação que pressupõe “inclusão e multiplicidade”, como já definiu Esteban. ■

A resolução da avaliação mudou. Mas, o que mudou?

Nossa Resolução 776, que estabelece as diretrizes para a avaliação na Rede Pública Municipal, enfatiza o caráter processual da avaliação e a importância da frequência às aulas. Determina, também, tanto para os agrupamentos não seriados, quanto para as séries, o uso de conceitos (não há notas), em número de cinco: Ótimo, Muito Bom, Bom, Regular e Insatisfatório (Art. 2º), cabendo esclarecer que apenas o conceito I (Insatisfatório) implica, ao final do ano, analisar a melhor enturmação para os alunos do Ciclo, da Progressão e do PEJ (Art. 8º), enquanto caracteriza a retenção dos alunos no Regime Seriado (Art. 10), não fazendo distinção entre as disciplinas, no que tange à reprovação. Aponta a obrigatoriedade de um trabalho permanente de recuperação paralela (Art. 14), limita a não retenção do aluno reprovado na 8ª série à aprovação em concurso público de seleção (Art. 11, parágrafo único), e estabelece a exigência de presença em, no mínimo, 75% do total da carga horária anual, exceto nos casos de doenças graves que impeçam a locomoção do aluno e de gravidez de risco (Art. 13). Cria o **Registro de Classe** (Art. 3º), valoriza o **Conselho de Classe** (COC), extinguindo o COCEX (Cap. IV), estabelece a não conceituação e não retenção dos alunos das Classes Especiais (Art. 19) e mantém a dependência (Art. 15), a não reprovação na dependência quando aprovado na série regular na mesma disciplina (Art. 17) e a não reprovação do repetente em disciplinas nas quais já fora aprovado no ano anterior (Art. 12).

Antônio Auguto Alves Mateus Filho - Assistente da Diretoria de Educação Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Registro de classe Começou a ser adotado este ano, por opção das Coordenadorias Regionais de Educação, ficando as escolas que não o adotaram obrigadas a usar o tradicional Diário de Classe. Nas escolas de primeiro segmento e nas turmas de Programa de Educação de Jovens e Adultos, que não estejam usando o Registro, os professores devem elaborar um relatório de turma para apresentar no Conselho de Classe. A partir de 2004, todas as escolas deverão usar o Registro de Classe. Além deste instrumento, devem ser preenchidos também o Boletim Escolar e a Ficha de Avaliação.

Conselho de Classe A resolução 776 mantém o Conselho de Classe (COC), agora, a cada bimestre, exceto para o Peja, que o realiza três vezes por ano. Estabelece, também, a necessidade de cada escola apresentar cópia da ata do COC à sua Coordenadoria Regional de Educação.

que orientarão o olhar do professor. Eles vão variar de acordo com a atividade proposta e com o que se quer saber sobre os alunos e serão importantíssimos para aquele tipo de **observação** em que se faz várias anotações. É muito comum ao fazer o registro do docente se dar conta de uma série de questões em relação ao estudante que ainda não havia percebido e, mais do que isso: com os registros ele poderá fazer comparações com outras anotações feitas anteriormente e, assim, ter a medida dos avanços e recuos da turma.

Ela chama atenção que uma observação eficiente, que realmente seja útil ao desenvolvimento do trabalho docente, depende da boa explicitação dos critérios a serem utilizados pelo professor para avaliar o processo de constituição de conhecimentos, conceitos e valiosa aprendizagem de seus alunos. “Quanto menos experiente é o professor, menos condições ele terá de fazer uma observação, principalmente a espontânea. Isso porque normalmente os profissionais inexperientes tendem a se ocupar do grupo e não do aluno individualmente. Aí quando se pergunta a ele ‘como vai a turma?’, ele responde ‘muito bem, todos estão ótimos’. No entanto se continuarmos a conversar e questionarmos sobre o desempenho de cada aluno ele não saberá responder. Por isso é importante ajudar o professor a definir os critérios que utilizará para conhecer os avanços de seus alunos e ajudá-lo também a dosar o que será apenas observado e o que será anotado”

No Oga Mitá, os objetivos dos professores compoem uma ficha e, a cada período, alunos e professores avaliam o que foi feito e se auto-avaliam. Os alunos fazem comentários, que são

compartilhados com os professores que, por sua vez, também fazem suas observações para o aluno. Os pais participam deste processo, escrevendo e trocando seus pontos de vista. “O professor acompanha a vida escolar daquela criança, além da escolar, e avalia o conjunto e não apenas o resultado de um instrumento. O aluno também é autor deste processo, até porque ele é o personagem principal de toda essa história. E os pais recebem um quadro descritivo sobre o processo de aprendizagem de seus filhos, detalhado, de todas as disciplinas”, explica Márcia Leite, diretora da escola.

Auto-avaliação também é prática na Escola da Vila, principalmente para as turmas de 5ª a 8ª séries e Ensino Médio. Nessa faixa etária, Vânia acredita, que os alunos têm mais condições de entender que eles controlam grande parte de sua vida escolar e de responsabilizar por seu desempenho acadêmico. Por isso a auto-avaliação, nessa fase, tem um peso grande, ela contribui para que o próprio aluno analise seus desempenho e busque superar suas dificuldades. “Os menores até intuem que eles próprios são responsáveis por seu processo de aprendizagem, mas ainda não têm recursos para interferir”.

Processo de observação - “A observação é o que me possibilita o exercício do aprendizado do olhar. Olhar é como sair de dentro de mim para ver o outro (Freire).

Observação - “Observar é método. Os diferentes registros são recursos” (Hoffmann)

Recuperação paralela: utopia possível?

Todas as atividades realizadas em classe podem servir como atividades de recuperação

Refletir sobre o tema “recuperação paralela” pressupõe nos reportarmos à concepção que temos sobre avaliação da aprendizagem e do que entendemos por progressão continuada e sistema de ciclos.

Na medida em que, para nós, a avaliação significa, sobretudo, um movimento contínuo presente no processo de aprendizagem que busca propiciar a inclusão do aluno no ambiente escolar, tem sentido defendermos a inovação do regime de progressão continuada e, conseqüentemente, do sistema de ciclos, implantado nas escolas de ensino fundamental da Prefeitura do Rio de Janeiro.

A progressão continuada vem privilegiar o aluno pensando em sua individualidade, com suas necessidades básicas a se-

rem atendidas, ou seja, neste regime o aluno tem um tempo para sua formação não necessariamente expresso em bimestres, semestres ou anos. Acreditamos que há um tempo diferente do cronológico e que é fundamental para a construção do conhecimento. Nesta perspectiva, surge o sistema de ciclos em substituição ao sistema seriado, que busca um aprendizado construtivista atendendo à diferença de ritmos e de tempos. Assim, as dificuldades encontradas por alguns alunos devem ser supridas por meio de uma recuperação paralela e contínua, buscando-se evitar os efeitos desastrosos de uma reprovação que só pontua o fracasso do aluno. Na progressão continuada, em ciclos, a marca do fracasso é da escola, do trabalho do professor, da organização do sistema de ensino que tem de ser avaliado, questionado e repensado nos seus pontos frágeis.

E o que, exatamente, vem a ser recuperação paralela?

O termo “recuperação” tem o sentido, em Ferreira (1999), de “recobrar o perdido, adquirir novamente”, ou seja, retrocesso, voltar atrás. A nosso ver, consideramos um equívoco esta compreensão, quando a relacionamos como um procedimento avaliativo. Entendemos a recuperação paralela como uma prática avaliativa, permanente, que deve ser realizada ao longo do período letivo. Não a concebemos como repetição e sim como evolução natural de aprendizagem. Não se trata de voltar atrás, mas de prosseguir com experiências educativas alternativas que provoquem o aluno a refletir sobre os conhecimentos em construção.

O termo “paralela” pode trazer sérias distorções sobre o real significado deste procedimento avaliativo que é a recuperação paralela, quais sejam: aulas fora do turno em que os alunos estudam, com outros professores; semanas de recuperação ao final dos bimestres para os alunos que precisam; atendimento em gabinetes com professores de outras turmas que atendem a alunos com dificuldades.

É importante esclarecermos que não é desta forma que compreendemos que deva ser reali-

zada a recuperação paralela. Não somos favoráveis a medidas que discriminem os alunos e fortaleçam suas diferenças.

Acreditamos em todos os procedimentos avaliativos que auxiliem os estudantes. A nosso ver, cada professor estabelece uma relação diferenciada de saber com seus alunos e a melhor forma de fazê-lo é no dia-a-dia da sala de aula, contando com a cooperação de toda a turma. Concordamos com Hoffmann (2002) que estudos paralelos de recuperação consistem em momentos planejados e articulados no cotidiano da sala de aula. Todas as atividades realizadas em classe podem servir como atividades de recuperação, como por exemplo: explicações adicionais sobre um determinado tema; novos exercícios ou textos para toda a turma; trabalhos em parceria, pequenos grupos e monitorias. Em suma, consideramos a recuperação paralela plenamente possível de ser realizada com sucesso. ■

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro



Saiba Mais

FERREIRA, Sérgio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI. O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliando para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

Meio século de conquistas

Petrobras comemora 50 anos como líder na exploração de petróleo na América Latina e é uma das poucas empresas no mundo que detém tecnologia de exploração em águas profundas

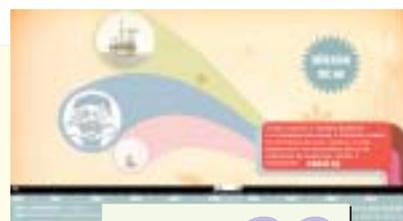
A Petrobras está completando meio século de vida e tem muito a comemorar: é hoje a maior empresa do país, a maior exportadora brasileira e líder em exploração de petróleo na América Latina. Batendo sucessivos recordes na produção de óleo e gás natural, é a 15ª maior companhia mundial em sua área de atuação, empregando diretamente quase 49 mil funcionários, com uma rede de 7.200 postos, 16 mil quilômetros de dutos e uma taxa de crescimento de 5% nos últimos anos, que deve tornar o país auto-suficiente em petróleo em 2006.

O caminho para esse sucesso começou a ser trilhado em 3 de outubro de 1953, quando o então presidente Getúlio Vargas assina a Lei nº 2004, criando a Petróleo Brasileiro S/A, para “executar as atividades de petróleo em nome da União”. A nova empresa era formada por uma refinaria em Mataripe (BA) e outra em Cubatão (SP) e campos de petróleo no Recôncavo Baiano. Sua produção na época era de apenas 2.700 barris/dia, o que representava 27% do consumo interno. Investindo em novas refinarias, buscando a redução de custos e criando infra-estrutura de abastecimento, a empresa chega ao início da década de 1960 com a produção ampliada para 65 mil barris/dia.

Apesar da crise mundial do setor nos anos 1970, a Petrobras conseguiu manter o abastecimento do mercado nacional, resultado do bom relacionamento com a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo). Nesse período, se intensificam as pesquisas de novas jazidas e a empresa passa a dar prioridade aos investimentos de exploração e produção, que atingiria 165 mil barris/dia. É nessa época que passam a operar os primeiros campos marítimos, principalmente na região de Campos (RJ). A partir de 1981 começa um novo ciclo, marcado pela quebra de sucessivos recordes. Graças ao início da exploração marítima em larga escala e novos investimentos em terra, o país supera, no ano de 1989, a marca dos 675 mil barris/dia. ▶



Década de **50**



Década de **60**

Criação da Petrobras
Início de operação da Refinaria Presidente Bernardes (SP)
Início de operação do terminal de Madre de Deus (BA)
Intensificação das pesquisas geológicas e geofísicas em todas as bacias sedimentares

Início da exploração da plataforma continental, do Maranhão ao Espírito Santo
Inauguração do primeiro posto de abastecimento, em Brasília (DF)
Inauguração da Lubnor - Lubrificantes e Derivados de Petróleo do Nordeste
Criação do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (Cenpes)
Criação da Petroquisa - Petrobras Química S/A
Perfuração do primeiro poço submarino, na bacia de Campos (RJ)

Os anos 1990 ficam conhecidos como a década da tecnologia: sensoriamento remoto, poços perfurados horizontalmente, robótica submarina, produção em águas superprofundas, o que leva a Petrobras à vanguarda do setor. Utilizando tecnologia 100% nacional, a empresa detém, nessa época, o recorde mundial de exploração em águas profundas, com a produção de petróleo a 1.853 metros, no campo de Roncador, na bacia de Campos. É superada a impressionante marca de um milhão de barris diários.

Hoje, mesmo com o setor aberto à iniciativa privada, a Petrobras convive com números superlativos: receita de US\$ 22,6 bilhões, produção de 1,5 milhão de barris/dia, lucro líquido de US\$ 2,3 bilhões, investimentos na casa dos US\$ 4,9 bilhões, reservas da ordem de 10,5 bilhões de barris, 9.842 poços ativos, 96 plataformas de produção, 31 sondas de

perfuração. E, além do Brasil, está presente também na Argentina, Bolívia, Colômbia, Estados Unidos, Equador, Nigéria, Peru, Trinidad & Tobago e Venezuela. Sem dúvida, um orgulho para o país.

Exploração - Atualmente, o Brasil está entre os poucos países que dominam todo o ciclo de perfuração submarina e produção de petróleo em águas profundas e ultraprofundas (abaixo de 2 mil metros do nível do mar). Segundo Mário Carminatti, geólogo da Petrobras, vários estudos indicam que muitas das reservas que ainda não foram descobertas no país se situam em águas profundas. “A previsão é de que, no próximo ano, cerca de 85% da produção nacional de petróleo venha destas áreas.”

Todo o petróleo, principalmente o encontrado nas reservas mais profundas, é explorado e produzido com ajuda de técnicas e equipamentos cada vez mais sofisticados e por profissionais altamente qualificados e capacitados. Na prática, o processo de exploração do petróleo é caracterizado por três etapas: aquisição de dados geofísicos e geológicos; interpretação; e perfuração do poço.

A aquisição de dados geofísicos no mar é feita pelos chamados navios sísmicos, que, a partir da emissão de ondas sonoras, registram sinais representativos das camadas geológicas localizadas abaixo do fundo do mar. Esses sinais são analisados por modernos computadores que garantem a possibilidade de se identificar os

elementos naturais necessários para a existência de petróleo.

A interpretação desses dados é realizada por geólogos especializados que têm a tarefa de identificar que áreas podem ser fontes de petróleo. Isto porque sabe-se que o petróleo é encontrado nas chamadas bacias sedimentares - depressões naturais na superfície da terra preenchidas por sedimentos que se transformaram, em milhões de anos, em rochas sedimentares. Mas a existência ou não do óleo depende ainda de características e composições desses tipos de rochas. Em outras palavras, a existência de uma bacia sedimentar não garante, por si só, a presença de jazidas de petróleo.

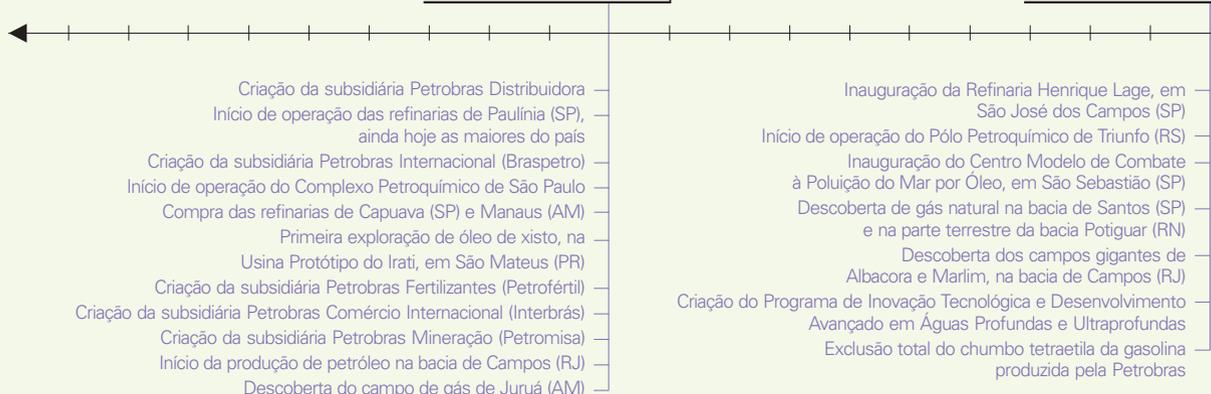
Uma vez identificado um possível poço de petróleo, começa então a fase da perfuração. As jazidas são perfuradas por plataformas petrolíferas (fixas ou móveis) ou por navios-sonda.



Década de **70**



Década de **80**





Maior laboratório do mundo

As tecnologias na área de extração e produção de petróleo no país têm se desenvolvido rapidamente. Para se ter uma idéia dos avanços no setor, em abril deste ano, a Coordenação de Programas de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe-UFRJ) inaugurou o Laboratório de Tecnologia Oceânica, o chamado Lab Oceano.

O Laboratório desenvolverá pesquisas tecnológicas aplicadas à exploração e produção de petróleo, como explica o coordenador do projeto, Carlos Antônio Levi da Conceição: "Vamos realizar ensaios de modelos de estrutura e de equipamentos de exploração e produção de petróleo sob a ação de ondas e de ventos. Reproduziremos, em escala

reduzida, as mesmas condições ambientais das águas oceânicas brasileiras e dos equipamentos utilizados na fase de extração e produção, avaliando como essas estruturas se comportam quando submetidas a ações extremas. Com isso, poderemos, por exemplo, criar procedimentos que otimizem a produtividade de uma plataforma".

Segundo Levi, ao avaliar estruturas e equipamentos, os testes também contribuirão para o desenvolvimento de projetos e sistemas que garantam a segurança dos técnicos que trabalham na área e, por conseguinte, a segurança do meio ambiente.

Ele afirma ainda que o laboratório também poderá servir de fonte de pesquisa para outras áreas: "Podemos desenvolver projetos que visam à melhoria da atividade pesqueira; o treinamento de mergulhadores; e a possível conversão da força das ondas em energia elétrica".

Formado por um enorme tanque, localizado na Cidade Universitária da UFRJ, o laboratório impressiona pelo seu tamanho. São 40 metros de comprimento por 30 de largura. A profundidade é de 15 metros, com um vão central com mais 10 metros - o que o torna o maior laboratório de pesquisas do mundo. O espaço comporta 23 milhões de litros de água. Similares existem apenas na Holanda (com 10,5 metros) e na Noruega (10 metros). Há um campo muito grande para ser explorado. "Há, na verdade, um Atlântico Sul (oceano) inteiro que está e será cada vez mais rastreado, principalmente quando vemos a indústria e a ciência de mãos dadas, como é o caso do laboratório criado pela Coppe", destaca Mario Carminatti, geólogo da Petrobras.

Para operações em águas rasas (até 100 metros) são utilizadas plataformas auto-elevatórias, cujas pernas (enormes estruturas de aço) são fixadas no fundo do mar. Em águas mais profundas (até 1.500 metros), são empregadas plataformas flutuantes ou semi-submersíveis. Em áreas sob condições de mar severas e de maior profundidade (até 3 mil metros), entram em ação os navios-sonda, cuja estabilidade é controlada por computador, de acordo com os movimentos do mar. ■



Década de 90

- Assinatura do acordo Brasil-Bolívia, para importação de gás natural
- Superação da marca de 1 milhão de barris/dia de petróleo
- Criação da Petrobras
- Transporte S/A - Transpetro
- Assinatura dos primeiros acordos de parceria entre a Petrobras e a iniciativa privada para desenvolvimento de blocos de exploração em terra e no mar
- Inauguração da primeira etapa do gasoduto Brasil-Bolívia
- Aquisição de duas refinarias bolivianas



Novo Século

- Participação em projetos de geração termelétrica, tendo o gás natural como combustível
- Alcançado o maior lucro da história da empresa, US\$ 5,3 bilhões
- Início do Programa de Excelência em Geração Ambiental e Segurança Operacional (Pegaso)
- Recebimento do maior prêmio mundial do setor petrolífero, o OTC - Offshore Technology Conference
- Nova quebra do recorde de produção: 1,568 milhão de barris/dia, em 27/12/01
- Acidente com a plataforma Petrobras 36, na Bacia de Campos (RJ), com a morte de 11 funcionários
- Aquisição das empresas argentinas Petrolera Santa Fé e Perez Companc

Calculando o seu período aquisitivo

Saber quando seu PA se completa é fundamental para marcar as férias

Movimento de translação. Ano. Período Aquisitivo. Palavras e expressões que, aparentemente, não têm nada em comum. Só aparentemente. Na verdade, para cada uma delas o número 365 tem um significado diferente. Para a primeira expressão, é o número de dias que a Terra demora para completar uma volta ao redor do Sol. No segundo exemplo, é o número de dias que, pelo Calendário Gregoriano, forma um ano. E no terceiro caso, que nos interessa aqui, 365 é o número de dias que, pelo Estatuto do Servidor Municipal do Rio de Janeiro, compõe o chamado Período Aquisitivo (PA), aquele em que o profissional esteve no pleno exercício de suas funções.

Digo pleno porque para se calcular o PA não se considera nenhuma licença (ver box) que, eventualmente, ocorreu durante este tempo. “Saber como calculá-lo é fundamental, principalmente para se marcar o período de férias”, informa Elisabeth Arteiro de Moraes, diretora do Departamento de Pessoal da Secretaria Municipal de Educação (SME).

A definição do PA, na verdade, não é das mais complicadas. Se, por exemplo, o funcionário foi empossado no dia 2 de outubro 2003, completará o seu PA em 1º de outubro 2004. Fácil de entender. A situação fica mais complexa quando o assunto é marcação de férias, principalmente quando o profissional ficou licenciado no período. Isso porque o servidor só poderá gozar de férias com seu PA completo, e este só se completa após 365 dias corridos, sem nenhuma interrupção.

Além disso, como as férias devem ser marcadas com três meses de antecedência, o PA deve estar completo nessa data. O que quer dizer que o tal funcionário citado acima deverá marcar suas férias a partir de 1º de outubro 2004 para só começar a gozá-la, e receber a remuneração referente ao período, três meses depois. No entanto, se ele tiver tirado uma licença médica o início das férias será adiado tantos dias quantos foram gastos com a licença.

O professor regente leva uma vantagem, pode-se dizer, porque tendo ou não PA completo ele terá o período de férias durante o recesso escolar (de 2 a 31 de janeiro). O único detalhe é que com PA completo ele recebe a remuneração (um terço de férias). Do contrário ele sai sem receber nada.

Segundo Elisabeth, as dúvidas em relação ao cálculo de PA e à marcação de

Afastamentos previstos

- Tratamento de saúde (com vencimento)
- Tratamento de saúde de alguém da família (com vencimento)
- Mudança de cidade para acompanhar o cônjuge, militar ou funcionário público, que será obrigatoriamente removido por questões de trabalho (sem vencimento)
- Interesses pessoais (sem vencimento)
- Afastamento para estudo (sem vencimento)
- Faltas sem abono (com desconto salarial)

Para saber mais, veja a Revista **Nós da Escola**, nº 10, página 30.

férias, além de outras questões administrativas, são frequentes entre os professores. Por conta disso, há a figura do Agente de Pessoal trabalhando com um grupo de quatro escolas por vez, espalhadas pelas dez coordenadorias regionais de educação. Se você tem alguma dúvida, é só procurá-lo. ■



Para sua atualização

Mitos, medos e conhecimentos prévios. A intertextualidade presente nos projetos de trabalho da Educação Infantil ao Ensino Fundamental.



TV

Pai-do-mato, Anhangá, Caipora, Curupira

Área de Conhecimento

Cultura

Ficha Técnica

Tipo de produção:
Animação

País: Brasil

Produção:
MULTIRIO/SME-RJ

Existem dois tipos de intertexto: os internos (quando o autor faz ligações entre textos da própria obra) e os externos (quando o texto faz referência implícita a outros, de autores diferentes). O intertexto baseia-se numa troca de textos, isto é, o lugar onde diferentes textos se cruzam, recriando o discurso do outro com a intenção de estabelecer um diálogo.

A intertextualidade, para ser entendida, requer uma visão de mundo ampliada, uma multiplicidade de leituras, para não perder-se do jogo, do sentido, do diálogo.

No mês de outubro deste ano, a MULTIRIO e a Secretaria Municipal de Educação apresentaram “O Curupira”, primeiro curta de animação da série Juro Que Vi, produzido com a colaboração de alunos da Escola Municipal George Sumner, no bairro do Riachuelo.

A série Juro Que Vi reunirá desenhos animados produzidos a partir de histórias recontadas por alunos das escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro sobre o folclore brasileiro.

A lenda do Curupira é oriunda da mitologia Tupi, também conhecida pelos nomes de Caipora, Pai-do-mato, Mãe-do-mato, Caiçara, Caipora e Anhangá. Além dos diferentes nomes, o Curupira pode apresentar uma variação bem grande de visuais. Conforme a intenção e a região, ele pode ser uma mulher de uma perna só, ou uma criança de um pé só redondo, ou um homem gigante, ou, como é mais conhecido, um anão de cabelos vermelhos e pés virados para trás.

Os mitos são produtos da imaginação e das experiências de toda uma era, de toda uma cultura, são imagens coletivas. Eles se desenvolvem gradativamente, à medida que as pessoas contam e recontam histórias.

Marcelo Xavier, autor do livro “Mitos”, da coleção O Folclore do Mestre André, da Edi-

tora Formato, apresenta alguns personagens do folclore brasileiro com um belo trabalho com massa de modelar.

A lenda do Curupira diz que ele é o protetor das matas e florestas e tem o poder de ressuscitar animais mortos. Apesar dessas qualidades, ele assusta muita criança devido ao seu visual.

Há muitos tipos de medos: de monstros, de escuro, dos pais se separarem, de barata. Para conhecer os medos de A a Z, de diferentes épocas e lugares, o “Livro dos Medos”, organizado por Heloísa Prieto, da Editora Companhia das Letras, é uma boa dica. A coleção Quem Tem Medo de, de Fanny Joly, da Editora Scipione, aborda medos infantis universais de forma engraçada e tranquilizadora. A ideia da coleção é mostrar o medo num contexto onde não há razão para ele existir. Os temas que falam de coisas que realmente dão medo e que são perigosas não foram abordados. Isso porque há um prazer em ter medo, isto é, podemos brincar com ele quando sabemos que ele não existe de verdade.

Existem medos bons? Quais são os medos dos seus alunos? Alguns medos podem deixar ►



uma pessoa atenta para evitar, por exemplo, um acidente, algum risco ou exposição a algum perigo: medo de altura, de atravessar a rua, de assalto, de enchente etc. Aprender a lidar e a reconhecer esses tipos de medos promove o uso de diferentes estratégias para lidar com as situações cotidianas.

O medo também pode surgir de uma motivação interna, pessoal. Cada um faz associações a partir das ações e dos sentimentos vividos. A mesma situação para diferentes pessoas pode ser sentida de variadas maneiras. A barata pode ser inofensiva para uns e monstruosa para outros. O escuro, um grande inimigo para ele ou simplesmente a ausência de luz para aquele, ou um ambiente que traz tranquilidade.

Ao se pensar no desenvolvimento de um projeto, três etapas devem ser configuradas:

a) Diagnóstico - É o início do projeto. Nessa fase, o professor levanta o que os alunos já sabem e o que ainda não sabem sobre o tema em questão. É também a partir das questões levantadas nesta etapa que o projeto é organizado pelo grupo.

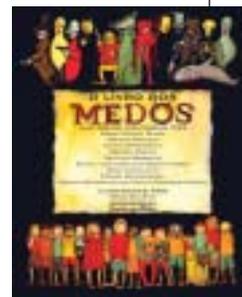
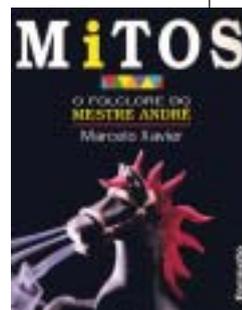
b) Desenvolvimento - É o momento em que se criam as estratégias para buscar respostas às questões e hipóteses levantadas no diagnóstico. Por isso, é preciso que os alunos se deparem com situações que os obriguem a comparar pontos de vista, rever suas hipóteses, colocar-se novas questões, deparar-se com outros elementos postos pela ciência. Para isso, é preciso que criem propostas de trabalho que exijam a saída do espaço escolar, a organização em pequenos e/ou grandes grupos, o uso da biblioteca, da internet, de videotecas, discotecas, a vinda de pessoas convidadas à escola, entre outras ações.

c) Síntese - As novas aprendizagens passam a fazer parte dos esquemas de conhecimento dos alunos e vão servir de conhecimento prévio para outras situações de aprendizagem.

dos espaços de aprendizagem, de maneira ativa, participativa e reflexiva para os educandos.

A escolha dos temas dos projetos, seus conteúdos específicos e a maneira como eles são desenvolvidos devem ser discutidos por todos os envolvidos no trabalho: alunos, professores, escola e comunidade. Cada aluno, assim como cada professor, traz para seu grupo uma história de vida, modos de viver e experiências culturais que devem ser valorizados no seu processo de desenvolvimento. Essa valorização se dá a partir do momento em que ele tem a oportunidade de decidir, opinar, debater, construir sua autonomia e seu comprometimento com o social, identificando-se como sujeito que usufrui e produz cultura, no pleno exercício de sua cidadania.

Os projetos de trabalho permitem, aos alunos, analisar os problemas, as situações e os conhecimentos dentro de um contexto e em sua totalidade, utilizando, para isso, os conhecimentos presentes nas disciplinas e sua experiência sociocultural. Assim, um mesmo projeto pode ser desencadeado em turmas de séries diferentes, recebendo tratamento diferenciado, a partir do perfil dos grupos. ■



Alguns personagens e lendas do Brasil	
Comum em todo o Brasil	Curupira, Boitatá, Matintaperêra, Mula-sem-cabeça, Mulher da Meia-noite
Região Nordeste	Besta-fera, Jericoacoara, Papa-figo, Barba-ruiva, Cabra-cabriola
Região Norte	Iara, Boiúna, Boto Cor-de-rosa, Vitória-Régia
Região Sudeste	Saci-Pererê, Missa dos Mortos
Região Sul	Negrinho do Pastoreio
Região Centro-Oeste	Romãozinho



Educação Infantil



Ensino Fundamental



Vídeo



Professores



Impressos



CD-ROM



Internet

Rio: Cidade da Música

Orquestras, corais e *shows* fazem a alegria do carioca e colocam a cidade na vanguarda da musicalidade

“A música é a alma do universo. Dá vôo à imaginação, alegra o espírito, afugenta a tristeza. Dá vida a tudo que é bom e justo”. Licença histórica à parte, o filósofo grego Platão (427 - 327 a.C.) bem poderia estar desfrutando de um final de semana no Rio de Janeiro quando lançou esse pensamento. Porque ele soube como ninguém exprimir o sentimento do carioca pela musicalidade e o namoro da cidade com a sonoridade. Seja nos palcos, nas ruas ou nas praças, a música está presente no nosso dia-a-dia e vem recebendo especial atenção da atual administração municipal.

A começar pela construção da Cidade da Música, vigoroso projeto da Prefeitura do Rio que está sendo erguido no Parque Tereza das Palmeiras (Cebolão), na Barra da Tijuca. Elaborados há 32 anos pelo brasileiro Lúcio Costa, os estudos originais estão ganhando nova forma, agora pelo olhar do arquiteto francês Christian de Portzamparc, pai de grandes monumentos urbanos da Europa, como a Escola de Dança Paris Ópera, em Nanterre (França), o Conservatório Erik Satie e o Museu Bourdelle, ambos em Paris (França), além do Concert Hall Kircheber, em Luxemburgo.

O projeto da Cidade da Música, sob a supervisão da Secretaria das Culturas, chama a atenção por suas formas simples e suas referências simbólicas, que reinterpretem os contornos das montanhas do Rio.

Do lado de dentro, o visitante terá uma privilegiada visão panorâmica do mar e da planície, criando-se um ambiente especial para saborear um bom espetáculo. Isso porque, segundo Portzamparc, “é preciso reintroduzir uma parcela de sonho”, acredita esse especialista em grandes obras culturais e vencedor de vários prêmios internacionais, entre eles o Pritzker, considerado o Nobel da arquitetura.

Serão duas salas de concerto, uma com capacidade para 1.800 pessoas (adaptável para ópera) outra com 800 assentos, sala de Música de Câmara, com 500 ►



Maquetes da Cidade da Música, que está sendo construída na Barra da Tijuca





No alto, o Coral de Vozes Meninos do Rio em apresentação na Cinelândia e a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), durante concerto

lugares, *foyer* musical postado a 10 metros de altura, 13 salas de ensaio, 13 salas de aula, quatro salas de cinema, três lojas, restaurante, cafeteria, além de 10 frisas/balcões e espaços técnicos otimizados tanto às funções de ópera como de concertos. O local terá área total de 94 mil metros quadrados, com 22 mil metros quadrados de área construída e um parque municipal com 70 mil metros quadrados.

Regência - É justamente nesse imenso complexo que a Prefeitura dará sede à Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), que há 63 anos orgulha a cidade com a realização de projetos de notável excelência artística. “Felizmente, a Prefeitura do Rio adotou de maneira muito determinada a atitude de investir na consolidação da OSB como a grande orquestra da cidade e, futuramente, do país. Hoje está claro que, sem esse apoio, a orquestra não poderia atingir seus objetivos e a cidade do Rio continuaria sendo testemunha da luta árdua para fazer sobreviver um patrimônio nacional como a OSB”, acredita o maestro Yeruham Scharovsky, regente da orquestra desde 1998.

Como diretor artístico e regente titular, o maestro Scharovsky conduz atualmente 96 músicos, que tocam de contrabaixo a tuba, de cornel inglês a percussão, na mais antiga orquestra do país em atividades ininterruptas. A programação fixa, que tem como palco o Teatro Mu-

nicipal, inclui concertos noturnos, todos às quartas-feiras, às 21h, e vesperais, aos sábados, às 16 h. Além das tradicionais séries oficiais, a OSB apresenta especiais como Concertos para a Juventude, em pauta desde 1944, e o Projeto Aquarius, que de maneira itinerante aproxima a música erudita do carioca.

A OSB foi criada em julho de 1940, pela iniciativa de um grupo de músicos liderado pelo maestro José Siqueira. Já passaram pela orquestra - que é patrocinada pela Prefeitura do Rio por meio da Secretaria das Culturas - nomes como Isaac Karabtschewsky, José Carreras, Luciano Pavarotti, Plácido Domingo, Kurt Masur e Lorin Maazel, entre muitos outros que, cantando ou regendo, encantaram o público. “A OSB é carioca e isto não é um mero *slogan*. É carioca por vir se apresentando perante gerações e gerações de cidadãos do Rio de Janeiro que cresceram tendo a orquestra como uma referência de excelência artística”, avalia o maestro Scharovsky.

Ao longo dos anos, a OSB vem realizando projetos para o desenvolvimento de novos talentos e platéias, com o objetivo de promover a educação musical como forma de aprofundar o conhecimento. O programa Audições para Novos Regentes, por exemplo, visa dar oportunidade a novos nomes, com até 40 anos, que atuam no mercado brasileiro. Já a OSB Jovem, criada em outubro de 1999 e composta hoje por 107 músicos, com idade entre 13 e 25 anos, recebe apoio total desde os primeiros passos e é referência a jovens músicos de todo o Estado. “A Prefeitura dá bolsas de estudos a alunos que queiram tocar na OSB

Jovem. É um projeto educacional incrível”, argumenta Luís Carlos Justi, cordenador artístico da orquestra.

Desde sua fundação, a OSB Jovem vem realizando inúmeras apresentações, com repertório variado que vai do clássico ao contemporâneo, demonstrando a versatilidade do grupo e confirmando a proposta educacional que o norteia. “É muito bom saber que a atual administração reconhece a dimensão política tanto da OSB quanto da OSB Jovem. Para nós, a Cidade da Música é a concretização de um sonho e o início de um sonho seguinte”. Justi anuncia ainda que a partir do ano que vem a OSB estará se apresentando, de maneira itinerante, em *shoppings*, igrejas, universidades e escolas.

Coral de Meninos - Jovens talentos são também a matéria-prima de outra importante contribuição da Prefeitura para a musicalidade carioca: a Orquestra de Vozes Meninos do Rio (OVMR), coral formado por 1.200 alunos de 5ª a 7ª séries de 25 escolas da rede municipal de ensino. Criado em 1998 pelo maestro Marcos Leite e hoje dirigido pelo maestro Júlio Moretzsohn, o coral nasceu a partir da parceria entre as secretarias das Culturas e de Educação e tem como objetivo representar a cidade em grandes eventos comemorativos e incentivar o talento musical dos jovens cariocas.

“A importância da Orquestra de Vozes Meninos do Rio se faz presente porque é um trabalho de qualidade realizado nas escolas da Prefeitura do Rio, onde se percebe uma visão ampla e profunda na formação do cidadão. Por meio de uma prática artística em conjunto, o aluno entra em contato com suas potencialidades e se percebe como um indivíduo capaz de se realizar integralmente. Desenvolve uma forte autoestima e uma consciência real de seu papel como agente transformador da sociedade”, avalia o maestro Júlio Moretzsohn.

Ele identifica ainda o fato de a OVRM proporcionar às novas gerações um contato amplo com nossa cultura. “Utilizando um repertório que vai do popular ao erudito, passando pela música folclórica, temos uma visão histórica dessa cultura com canções antigas e contemporâneas”, acredita. E ressalta a importância dessa experiência para os alunos: “Assim como ouvimos relatos de pessoas que participaram dos corais formados por Villa-Lobos, como sendo uma experiência rica e marcante em suas vidas, no presente, ouvimos inúmeras declarações de como este coro teve um papel importante”.

Clássicos - A programação musical fixa da Secretaria das Culturas também faz a alegria do carioca. São projetos como o Música no Lavradio, *shows* com clássicos da música brasileira todo primeiro sábado de cada mês, junto à feira de antiguidades da Rua do Lavradio, no Centro; o Rio, Calçadas Culturais, *shows* na hora do almoço com novos talentos da MPB, na Praça Vice-almiran-

te Nelson Gomes Fernandes, em Madureira; o Música no Café, que ocupa o teatro Carlos Gomes para a manifestação de jovens talentos no ambiente *art déco* do aconchegante Café Guarani, localizado no 2º andar do teatro, onde o público pode dançar e ouvir as novas tendências da música popular brasileira.

Isso sem falar nos projetos desenvolvidos pelo RioArte, que promove a MPB em todas as suas formas, ritmos e estilos. Eventos musicais realizados ao longo do ano alternam música erudita nas igrejas com *shows* de *rock* no Armazém do Rio; apresentações de choro e samba na Sala Baden Powell, em Copacabana, com eventos instrumentais. O RioArte também divulga a música brasileira por meio do selo RioArte Digital - direcionado a compositores nacionais sem espaço nas gravadoras comerciais. E é por isso que tudo leva a crer que Platão andou mesmo pisando em terras cariocas. ■



Para conferir a programação musical na cidade:

Secretaria das Culturas -
www.rio.rj.gov.br/culturas

Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) - www.osb.com.br

RioArte - www.rio.rj.gov.br/rioarte

Centro de Referência

Preocupada com o resgate, a preservação e o fortalecimento da cultura carioca, a Secretaria Municipal das Culturas está criando o Centro de Referência da Música Carioca, com o objetivo principal de valorizar estilos como choro, samba e bossa-nova, por excelência. O centro será uma instituição voltada para a coleta de informações, pesquisa, estudos, difusão, registro, ensino e promoção do que é realizado musicalmente na cidade. Será também sede da Escola Brasileira de Choro do Rio de Janeiro, que terá estrutura de ensino com salas de aula, ensaios e gravações, além de prestar atendimento a comunidades carentes. O local abrigará um auditório com 160 lugares e um café-concerto para apresentações musicais, área para exposições, loja temática, terminais de consulta para o público visitante e praça de alimentação. O Centro deve estar concluído até o final de 2004.

O menor caminho entre nós e você

Saiba como a revista *Nós da Escola* chega até suas mãos, desde a saída da gráfica até os locais de distribuição

É sempre um prazer para nós, que fazemos a revista *Nós da Escola*, ver mais um número da publicação finalizado. E pelas cartas, e-mails e telefonemas que recebemos, acreditamos que seja o mesmo prazer que sente quem a lê. Mas você já parou para pensar no caminho percorrido pela revista até chegar às suas mãos? Como ela é distribuída? Para quem? Que profissionais estão envolvidos nesse processo? Como os exemplares chegam até as escolas?

Tudo começa com a aprovação final da revista, feita logo após uma minuciosa checagem de dados, revisão de textos e provas de cor. “Esta é a parte que exige maiores cuidados, porque sempre há algum erro ou pequeno problema a ser corrigido. O tempo passa a ser nosso pior inimigo”, revela o produtor gráfico Elias Moraes, responsável pela “ponte” entre a MULTIRIO e a gráfica Esdeva, que imprime a revista.

Textos e diagramação aprovados, a gráfica, localizada em Juiz de Fora (MG), passa então a “rodar” os 40 mil exemplares que são mensalmente produzidos. No máximo em três dias a *Nós*

da Escola está pronta para ser distribuída. A gráfica fica responsável então pelo envio das revistas às 10 Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). Em seguida, cabe a cada coordenadoria a distribuição para todos os professores e suas escolas.

O restante dos exemplares são enviados pela gráfica à MULTIRIO. A secretária do Núcleo de Publicações, Evaneide Ferreira dos Santos, é quem se responsabiliza pela distribuição interna para todos os órgãos municipais. Ela envia ainda, pelo correio, exemplares para várias instituições que tenham afinidade com a área de ensino, além de universidades e bibliotecas públicas.

“Antigamente todos os exemplares de *Nós da Escola* vinham da gráfica direto para a MULTIRIO. Mas a falta de um espaço físico apropriado para estocagem da revista era um complicador”, conta Evaneide. Para ela o processo atual é bem mais produtivo. E comemora: “Nosso trabalho é recompensado quando recebemos ligações de agradecimento pelo recebimento e pela ótima qualidade da revista”. ■



Cinema infantil: muito além da Disneylândia

Festival itinerante de filmes para crianças apresenta novas linguagens ao público brasileiro

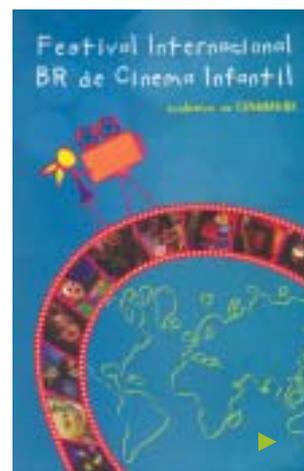
Muitos filmes infantis que chegam às telas brasileiras possuem aquela velha fórmula, quase infalível, criada pela indústria do cinema americano: o bem contra o mal, vilões que são castigados, mocinhas recompensadas com final feliz. Enfim, são produtos que trilham caminhos fáceis da diversão, sem preocupações ou comprometimentos maiores, a não ser com a bilheteria. Correndo contra essa maré, outros mercados produtores de cinema para crianças, que nunca encontraram espaço em telas brasileiras, estão tendo vez por aqui por meio do I Festival Internacional BR de Cinema Infantil.

São novas linguagens, diferentes conceitos e abordagens educativas de temas que interessam a crianças de locais tão distantes quanto a Finlândia, a Austrália ou o Brasil. “Selecionamos filmes inéditos, com temáticas extremamente universais e de interesse inequívoco, como a proteção ao meio ambiente e a busca pela paz”, revela Bianca de Felippes, que, ao lado da atriz e cineasta Carla Camuratti (diretora de “Carlota Joaquina”, “Copacabana” e “La Serva Padrona”) e da diretora técnica Bianca Costa, forma o trio responsável pela organização do festival.

De olho na formação de um novo público para produções infantis, a mostra teve início em agosto deste ano e vem percorrendo, de maneira itinerante, 14 cidades brasileiras, exibindo 10 filmes de qualidade em 51 salas da rede Cinemark, co-realizadora do festival, em sessões múltiplas. A iniciativa conta também com a parceria da Petrobras, do Canal Futura e da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria das Culturas. “São produções que fogem daquela estética americana a que sempre fomos acostumados”, conta Bianca.

De fato, da programação do festival fazem parte filmes onde fica claro que, independentemente de onde vivem e da língua que falam, as crianças estão sujeitas aos mesmos riscos, reagindo de forma semelhante. “Essa idéia de universalização pode vir a ser explorada de forma interessante. É bom lembrar que de todas as mídias a que uma criança tem acesso, o cinema é, sem dúvida, o veículo mais eficaz, pois há um comprometimento maior, sem interferências externas. A criança senta na cadeira da sala de cinema e compromete-se com aquilo que é visto”, analisa a educadora Lília Levy.

Percepções - A idéia do festival surgiu durante uma viagem de Carla Camuratti a Estocolmo, na Suécia, que abrigava um festival semelhante. “Lá percebemos que não havia no Brasil uma mostra de filmes infantis que privilegiasse uma programação com diferentes sensibilidades e percepções de mundo entre crianças de 4 a 12 anos”, revela Bianca. Segundo ela, há cerca de 20 milhões de crianças nessa faixa etária no Brasil, um número tão expressivo quanto assustador: cerca de 80% deste público não vão ao cinema. Os 20% restantes, responsáveis pelas recentes bilheterias do cinema infantil, assistem a filmes que trazem, quase sempre, o mesmo tipo de informação. ▶



Programação

- *Ainda Pego esta Alpinista (Catch that girl)* - Dinamarca - 2001
- *Ficção Científica (Science Fiction)* - Bélgica - 2002
- *A Floresta Mágica (The Living Forest)* - Espanha - 2001
- *Ilha Rá-Tim-Bum em O Martelo de Vulcano* - Brasil - 2003
- *Mamãe Virei um Peixe (Help! I'm a Fish)* - Alemanha/ Dinamarca/Irlanda - 2000
- *Micaela (Micaela - A Magical Film)* - Argentina - 2002
- *Minoes - A Mulher Gato (Minoes)* - Holanda - 2001
- *Rolli - Na Terra dos Elfos (Rolli)* - Finlândia - 2001
- *5 X Animação (5 X Animation)* - França/Brasil/ Reino Unido - 2002
- Especial *Os Saltimbancos Trapalhões* - Brasil - 1981

“Produções como “Ainda pegando esta Alpinista”, da Dinamarca, “Ficção Científica”, da Bélgica, e “Micaela”, da Argentina, mostram situações inusitadas que provocam sentimentos comuns a qualquer criança. Seria interessante questionar e comentar a solução encontrada pelos personagens para saber se nossos alunos tentariam sair daqueles conflitos de outra forma”, indica Lília Levy.

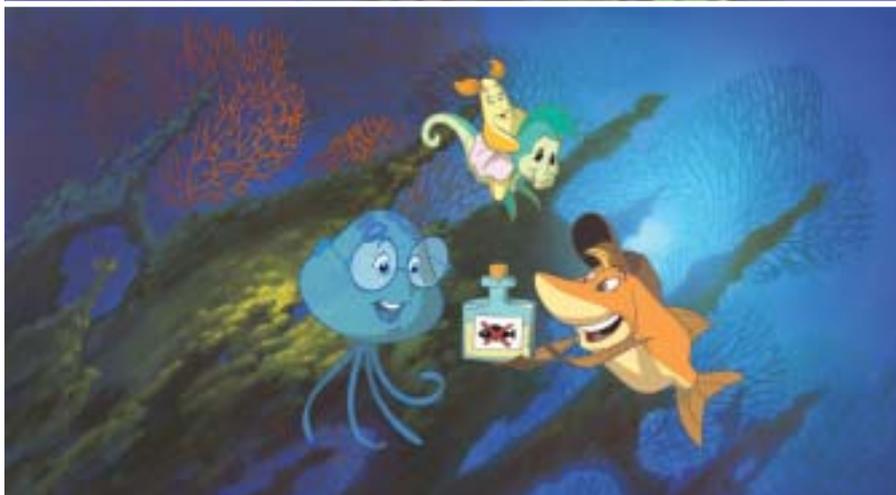
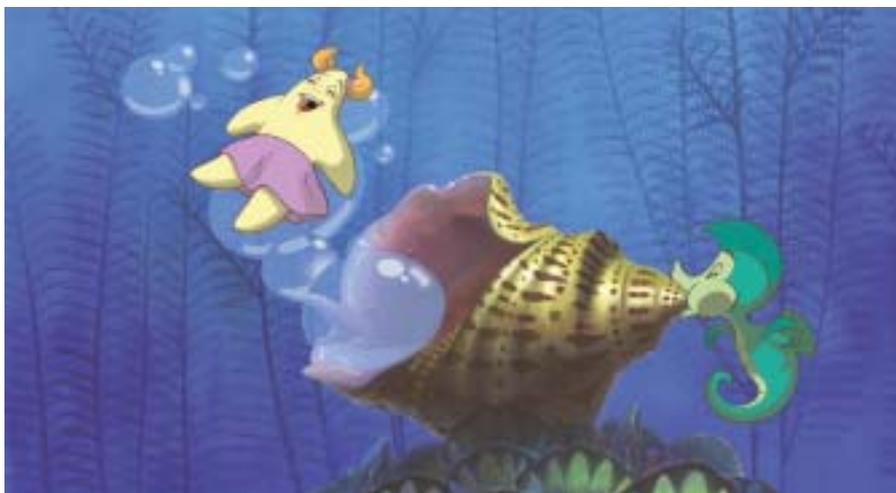
Os resultados do festival não poderiam ter sido mais animadores. Mais de 35 mil crianças já prestigiaram a mostra, que este ano

presta uma homenagem ao humorista Renato Aragão, um dos grandes nomes do cinema infantil brasileiro, com a inclusão de um de seus maiores sucessos, “Os Saltimbancos Trapalhões”. “A receptividade por onde o festival passou foi enorme. Abrimos um canal com o público infantil e o retorno foi ótimo. E graças à parceria com a Cinemark, estamos conseguindo atingir todo o país”, comemora Bianca.

Entre os filmes que fazem parte da mostra, dois estrearam comercialmente no Brasil e podem ser conferidos em tela grande. Um deles é a animação “Mamãe Virei um Peixe” (leia mais sobre o filme no box abaixo), uma co-produção entre a Alemanha, a Dinamarca e a Irlanda, ganhadora do prêmio de melhor filme na Mostra Geração Futura do Festival de Cinema do Rio de Janeiro/2002. O outro é “Ilha Rá-Tim-Bum em O Martelo de Vulcano”, produção brasileira baseada na

premiada série da TV Cultura, com direção da estreada Eliana Fonseca.

“Precisamos aproveitar ao máximo as possibilidades educativas do cinema. A imagem é enorme, o som potente, e só temos que assistir e reagir ao desenrolar do enredo. Se um filme é adequado, conta uma boa história e tem uma abordagem envolvente, a criança fica de olho grudado e mergulha totalmente na aventura, tornando-a inesquecível. São infinitas as possibilidades de integrar conteúdos programáticos e enriquecer a aprendizagem”, enfatiza Lília Levy. ■



Confira

O desenho animado “Mamãe Virei um Peixe” pode ser conferido nas telonas. Em cartaz desde 10 de outubro em todo o país, o filme conta a história de três crianças - Fly, Stella e Chuck - que saem para uma pescaria e entram numa tremenda encrenca quando descobrem o laboratório misterioso de um cientista maluco, o professor Mac Krill. Ele está desenvolvendo uma poção que vai fazer com que seres humanos possam viver debaixo d'água, ou seja, transformá-los em peixes. Acidentalmente, a pequena Stella toma a poção e é transformada numa estrela-do-mar. Para encontrá-la no fundo do oceano, Fly vira um peixe e Chuck, uma água-viva. Passando por muitas aventuras e diversões, os dois amigos têm 48 horas para achar Stella e o antídoto que vai devolvê-los a forma natural.

Direção: Michael Hegner e Stefan Fjeldmark

Duração: 72 minutos

Ano de produção: 2000

Site na Internet:

www.mamaevireiumpeixe.com.br

A paz premiada!



PAZ NO JACAREZINHO

Premiado no Festival Internacional de Animação de Estudantes, Ottawa, Canadá, 2003, como Melhor Filme de Criança. Realizado por alunos dos CIEPs Vinícius de Moraes e Patrice Lumumba (3ª CRE) e produzido pela MULTIRIO



Paz no Jacarezinho integra o projeto Carta Animada pela Paz. São oficinas de animação para alunos das escolas da Prefeitura do Rio, que se manifestam conclamando a paz no mundo e o respeito à infância e à juventude. O projeto faz parte de uma política de ações e filosofia da MULTIRIO e da Secretaria Municipal de Educação de repensar e produzir mídia de qualidade para crianças e jovens.





NÓS DA ESCOLA

No próximo número:
O Ofício do Professor